

Tempo

A Jornada do Cavaleiro - Diários do Aprendiz

TEMPO

A JORNADA DO CAVALEIRO

DIÁRIOS DO APRENDIZ

Ficha Técnica

Título: “Tempo – A Jornada do Cavaleiro – Diários do Aprendiz”

Editado no âmbito do Be a Pro, suportado pelo Programa Erasmus + da União Europeia.

Obra Coordenada por: Abraão Costa e Sara Monteiro

Autores Envolvidos: Abraão Costa, Joana Ribeiro, Patrícia Ribeiro, Sofia Ferreira, João Costa, Mariana Vilas Boas, Juliana Silva, Filipa Morais, Pedro Inocêncio e mais alguns jovens que não se identificaram e deixaram os seus textos em anonimato

Ilustrações de: Márcia Ramalho, Ana Catarina Alves, Sílvia Ortiz e Andreia Sousa

Correção e Revisão Gráfica: Tânia Oliveira, Sara Monteiro e Abraão Costa

Propriedade de:

Plataforma de Animadores Socioeducativos e Culturais

Plataforma de Ação Socioeducativa e Cultural

Rua Barão de Joane, 129, 2ºB, Edifício Sinções

4760-019 Vila Nova de Famalicão

Telefone – 00351 917 380 178

Sítio na internet – www.pasec.pt

Email – pasec.geral@gmail.com – geral@pasec.pt

março de 2017

Impressão na Oficina de São José de Braga

ÍNDICE

O DESAFIO DE SER PROTAGONISTA – BE A PRO	9
MOMENTOS	11
PARTILHAR A MAGIA	11
ETERNAMENTE APRENDIZ	12
A GRANDIOSIDADE DAS COISAS ESTÁ NOS PEQUENOS MOMENTOS	13
TODOS SOMOS SERES FINITOS	14
BREVE HISTÓRIA SOBRE A FELICIDADE	15
O SONHO	16
VIVER	17
1º MOMENTO - SOU O QUE SOU EM VIRTUDE DO QUE TODOS SOMOS	18
A CRIANÇA EM MIM	20
VIVEMOS EM LIBERDADE	21
MAIS VALE A PACIÊNCIA QUE O HEROÍSMO	23
TEMPO	24
AJUDAR-ME A MIM	26
PROTAGONISMO	27
A POSSIBILIDADE DO IMPOSSÍVEL	29
AS LIÇÕES DE BUDA	31
2º MOMENTO – O IMPORTANTE É QUE ISTO NUNCA FOI SOBRE TI, FOI SEMPRE SOBRE OS OUTROS... ..	33
VOLTAR AO TREINO	34
A PRÓXIMA MONTANHA	35
A HOSPITALIDADE.....	36
3º MOMENTO – UM DIA VI-TE E PERCEBI QUE ERA EU.....	38
CUIDA DE MIM.....	39
SOLIDÃO PREENCHIDA.....	40
O FIM DE TODAS AS COISAS	42
DESTINO OU LIBERDADE?	43
PEDIR AJUDA.....	45
DIÁRIOS DO MESTRE	47
A PONTE ENTRE MUNDOS – PARTE I	47
ESCOLHES O DESTINO OU A LIBERDADE? – PARTE II	49

PERDIDOS E ACHADOS –PARTE III.....	52
A DECISÃO DA SOLIDÃO	54
MEDO DO PODER	55
DÚVIDA	57
A LAGOA DE FOGO.....	58
A DIFERENÇA	59
DIÁRIOS DO VIETNAME E CAMBOJA	61
DIÁRIOS DO VIETNAME – PARTE I	61
MEMÓRIAS DAQUELES INSTANTES	62
PARA QUE NADA SEJA EM VÃO	64
REFLEXÕES	67
A FRAGA	67
CALCULAR O ESSENCIAL	68
PAZ INTERIOR	69
LIVRE.....	70
A VIAGEM DE SEMPRE	71
A MURALHA	73
A MAGIA DAS COISAS	74
A MAGIA DAS LENDAS	75
CAMINHAS COMIGO?	76
CONTINUAR CAMINHO	77
UMA OUTRA ERA	79
ESTRELAS	79
CONFORTO	82
PORQUÊ?.....	85
MÁSCARA	87
FELIZ	90
POSSE	93
TUDO COMEÇA COM OS ÚLTIMOS PASSOS ANTES DE ALCANÇAR A GRANDE PORTA... ..	95
DIÁRIOS DAS TERRAS DE CAVALEIROS	99
AS VERTIGENS DO MEDO.... DIÁRIOS DAS TERRAS DE CAVALEIROS I	99
AS VELHAS QUE SÃO NOVAS HISTÓRIAS.... DIÁRIOS DAS TERRAS DE CAVALEIROS II.....	102

Tempo

A Jornada do Cavaleiro - Diários do Aprendiz

APRENDER A ESTAR... - DIÁRIOS DAS TERRAS DE CAVALEIROS - PARTE III.....	105
O DETALHE QUE DISTORCE.... - DIÁRIOS DAS TERRAS DE CAVALEIROS - PARTE IV	108
BUSHIDO	111

Tempo

A Jornada do Cavaleiro - Diários do Aprendiz

O DESAFIO DE SER PROTAGONISTA – BE A PRO

Nas políticas de juventude, a participação juvenil é a base de sustentabilidade de todas as dinâmicas delas emergentes. Mas a participação juvenil assume diferentes contornos e contextos, sendo que nem todas as formas de participação são verdadeiras formas de envolvimento juvenil. O Estado Central é acusado de usar os jovens para meros efeitos cosméticos em ações/eventos em que estes são usados como espectadores passivos, em vez de envolvê-los em processos estruturados de partilha de decisão e reflexão sobre as questões a que ambos dizem respeito. Por outro lado, os jovens são acusados de distanciamento e alheamento à causa pública, sem interesse no envolvimento direto no processo e fenómeno político. Outro dado importante é o facto de em Portugal, apenas um em cada dez jovens, até aos 30 anos, estar de alguma forma no Associativismo, Voluntariado ou outro tipo de processos de envolvimento e participação social, enquanto que comparados com parceiros europeus, estamos a anos-luz da sua realidade. Só na Holanda, 8 em cada dez jovens até aos 30 anos estão envolvidos em processos ou dinâmicas de envolvimento social.

Neste contexto o conceito de participação parece-nos um contexto gasto e vazio. É assim que nos propusemos a avançar vários degraus na escada da participação juvenil e trazer para o debate o conceito de Protagonismo Juvenil, tudo a partir de processos de diálogo estruturado entre os jovens e os decisores políticos em matérias de Juventude.

Entendemos o Protagonismo Juvenil como o processo em que os jovens são decisores, executores e avaliadores de todas as fases e etapas das ações e projetos em que se envolvem, assumindo as responsabilidades e consequências pelos insucessos e sucessos das mesmas. Embora os jovens sejam os atores centrais, o Protagonismo Juvenil é um processo de partilha de poder, em que os jovens não se sobreponham aos restantes atores, antes pelo contrário, envolvem-nos em todas as etapas do processo decisório.

Consideramos o Protagonismo Juvenil a expressão real da verdadeira participação juvenil. Promovê-la é desenvolver as competências de emancipação e capacitação das qualidades das comunidades juvenis envolvidas. É dentro desta

premissa que a PASEC decide desenvolver este projeto. Para além disso é um dos nossos objetivos centrais enquanto associação juvenil.

Este projeto visou refletir, aprofundar e partilhar experiências relacionadas com as dinâmicas de Protagonismo Juvenil a partir do slogan “Jovens que Participam e decidem”. Os grandes objetivos do projeto, indo de encontro às prioridades e propósitos do Erasmus+, e ainda, tendo por base as premissas da Cooperação Europeia no domínio da Juventude, foram:

- Elaborar e apresentar em diálogo estruturados com os decisores políticos um “Plano Estratégico para a Promoção do Protagonismo Juvenil em Portugal”, com cinco áreas temáticas concretas: Educação, Política, Ambiente, Cultura e Problemáticas Sociais.

- Refletir e elaborar a “Carta Magna do Protagonista Juvenil”, com os direitos, deveres, áreas de atuação e campos de oportunidade do Protagonista Juvenil com o contributo dos decisores políticos, dando um primeiro passo no sentido de criar um Estatuto do Protagonista Juvenil e Organizações Promotoras do Protagonismo Juvenil enquanto instrumento político e social, tendo por base o modelo da Escada da Participação Juvenil;

- Dar aos jovens em situação desfavorável, e ainda assim, líderes de comunidades juvenis, a oportunidade de, com base nas suas vivências, desenvolverem as suas competências de gestão de dinâmicas e processos de promoção do Protagonismo Juvenil.

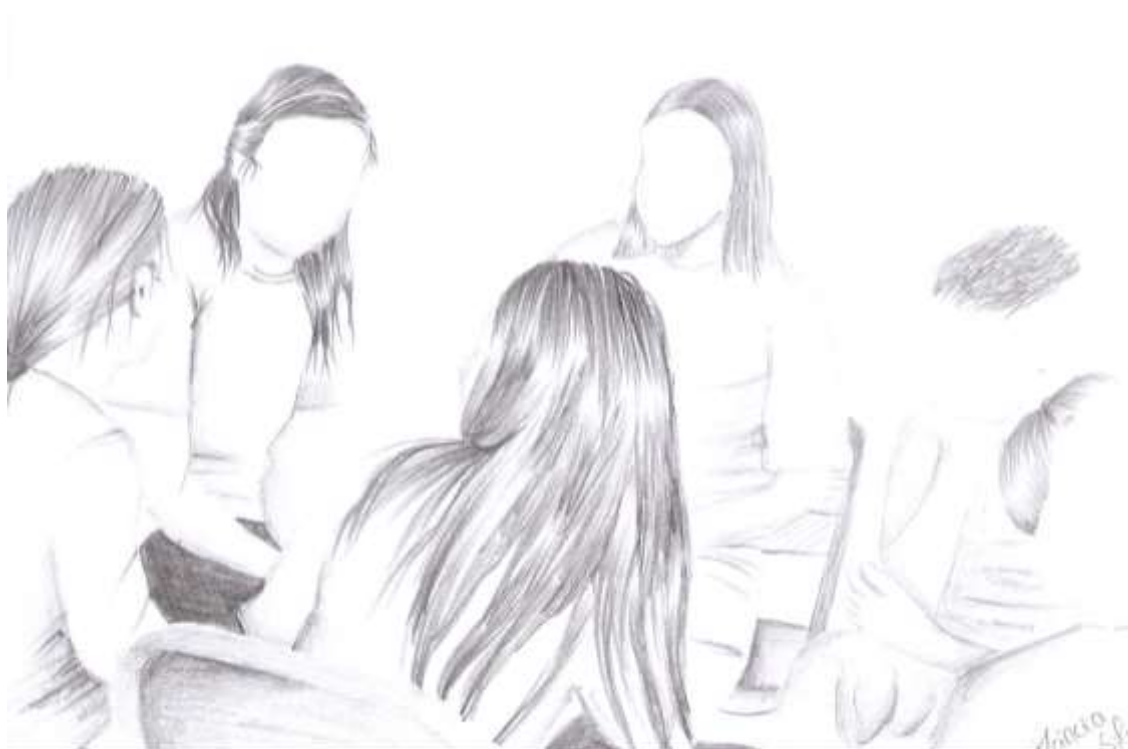
Assim, o Tempo – A Jornada do Cavaleiro – Diários do Aprendiz, apresenta dezenas de textos e desenhos dos jovens protagonistas deste projeto em forma de textos e histórias épicas que servem agora de reflexão para outros grupos de jovens espalhados pelo país. É a nossa maneira de levar ao mundo todas as experiências e reflexões que empreendemos.

MOMENTOS

PARTILHAR A MAGIA

Conta-se por estes mundos que há uma lagoa que espelha o azul dos seus e capta, assim, as almas de dragões. Apenas os cavaleiros mais destemidos ousam enfrentar a sua imponência. Ela é a conjugação perfeita de todos os elementos, obtendo a atenção de todos que por ela passam. É fácil ficar encantado pela sua beleza, mas difícil de fazer parte da sua plenitude. O caminho é sinuoso e exige entrega. Exige vontade e coragem e, acima de tudo, exige parceria.

Os cavaleiros mais aptos entregam a sua alma a esta tarefa, e desafiam o seu corpo confrontando o mais puro e mais magnífico dos refúgios. O trilho desce até ao espelho de água muitas vezes coberto pela neblina. As águas transmitem serenidade e acolhem os cavaleiros que aí encontraram o espírito dos dragões, cravado na lagoa, na floresta, no céu. O silêncio comanda, e é tempo de ser. É tempo de nos aceitarmos como um todo e partilhar a magia.



ETERNAMENTE APRENDIZ

Há cerca de um ano, o meu Mestre convidou-me a passar quatro semanas com um conjunto de pequenos Aprendizes que estariam, tal como eu, em treino sem se aperceberem. Sem pensar muito no assunto, acabei por recusar. Agora percebo que foi por receio, por estar repleta de dúvidas e por pensar ter outra ocupação mais interessante para o meu tempo. Cerca de três meses depois, decidi aceitar o desafio e comecei a treinar juntamente com outros colegas de caminho. Eram pequenos Aprendizes e tive uma pequena amostra do que teriam sido aquelas quatro semanas, caso tivesse aceite lá estar.

Um ano depois o convite voltou a ser feito, sendo que desta vez nem pensei duas vezes. ***O melhor treino é sem dúvida o trabalho de campo.***

Bastou-me uma semana de treino, apesar da experiência que carrego, para ficar em choque ao ser confrontada com a quantidade de pessoas, mais novas e mais velhas que, sem eu saber, me iriam ensinar tanto. Estava convicta que iria aprender muito com elas, mas, quer a maturidade e profundidade com que enfrentavam cada reflexão, quer a entrega visível a cada momento do dia, me surpreenderam e me fizeram questionar a minha própria visão. A verdade é que subestimei estes pequenos Aprendizes que, na sua inocência e imaturidade, se revelaram tão maduros e sábios e com os quais tanto aprendi.

A verdade é que a sabedoria tanto pode estar na inocência de uma criança como na história intemporal de um velho Mestre. Basta ter o coração disponível para ser criança outra vez.

A GRANDIOSIDADE DAS COISAS ESTÁ NOS PEQUENOS MOMENTOS

Estou naquelas fases que consigo perceber que todo o trabalho que é feito durante a época anual com os jovens guerreiros compensa. É nesta altura que regressamos à base para estarmos com os nossos Mestres e com os nossos companheiros de jornada.

Por estes dias dou por mim a consolar velhos amigos por todos os planos frustrados e furados com se depararam no seu caminho. Um em particular revelava particular frustração, Marion, nobre guerreiro de Antalya.

Todas as empreitadas em que se havia envolvido não haviam chegado ao fim. Não tinha conseguido concluir nenhuma tarefa. Questionei-o:

- Em todas essas tentativas, quantos amigos fizeste, quantas vezes te riste, quantas vezes abraçaste ou foste abraçado?

Estranhando a pergunta, respondeu:

- Perdi a conta velho amigo, foram imensas.

- A grandiosidade do que fizeste não está só no fim do caminho, está nos pequenos momentos ausentes do plano. Também aí mora a sabedoria, a grandeza do que somos e parte da fortaleza que ajudamos a erguer.



TODOS SOMOS SERES FINITOS

Encontrava-me na Montanha da Tranquilidade a que todos chamamos de *Geray* no final do mês de *Júpiter*. Comigo estava o meu Mestre *Hades* e alguns companheiros de caminho e futuros Mestres Aprendizes.

Numa das conversas à volta da fogueira questionava Mestre *Hades* sobre a sua opinião a propósito do meu percurso e as aprendizagens que tenho feito ao longo desta jornada.

Sorridente, *Hades* questiona-me o porquê daquela pergunta: - *Zaki* porque questionas a tua aprendizagem?

Humildemente, respondi: - Mestre e se não for capaz de aplicar tudo aquilo que me ensinaste? E se a minha capacidade de aprender for finita?

Num movimento lento *Hades* pegou nas minhas mãos e juntou-as de uma forma leve e simples e respondeu-me:

- Todos somos seres finitos, todos somos seres limitados. Cabe a cada um decidir avançar ou ficar na sua jornada. O complicado do hoje tornar-se-á no simples do amanhã até à dificuldade seguinte. No final a decisão é sempre a mesma, continuas ou ficas na jornada seguinte...

BREVE HISTÓRIA SOBRE A FELICIDADE

Havia um Mestre que já viajava há 75 anos pelos reinos ancestrais. Ele tinha centenas de Aprendizes em todo o mundo e adorava o que fazia. Toda a sua vida era dedicada aos outros, até que um dia, um Aprendiz que vivia em Atlantis lhe perguntou:

- Mestre, és feliz?

O Mestre não respondeu imediatamente e meditou profundamente sobre o assunto durante vários dias. Quando finalmente percebeu a resposta decidiu voltar à casa do seu Aprendiz e responder-lhe:

- Relativamente à pergunta que me fizeste a resposta é simples. Escolhi ser feliz. Com algumas interrupções, na maior parte do tempo sou um ser feliz e realizado.

O jovem respondeu, prontamente:

- Então o Mestre esconde a tristeza.

Aquela afirmação deixou o Mestre estupefacto. O mesmo, após alguma reflexão, perguntou:

- Porque é que achas que eu escondo a tristeza?

O jovem Aprendiz respondeu:

- Estou apenas a praticar o que me ensinou. Quem conhece o céu da felicidade, conhece o poço da tristeza. Só assim pode saber qual a distância entre a felicidade e a tristeza. Quem não se sujeita à tristeza está apenas a trancar a porta da felicidade.

O SONHO

Tudo o que é mágico começa com a expressão “Era uma vez”.

A maior dádiva que o ser humano tem é a capacidade de sonhar e imaginar o seu mundo perfeito, um mundo de amor, paz, abundância e felicidade. Dessa forma queria contar um dos melhores sonhos que tive, sonho esse que me fez refletir sobre o propósito da vida.

Era uma vez uma ilha não muito distante daqui, apenas à distância de um mero pensamento. Essa ilha estava rodeada de um manto circular fino e macio que respirava em tons de azul. Os nativos da ilha eram pessoas como nunca antes vistas. O seu sentimento de amor era maior que o universo conhecido. Nessa ilha sentia-me em paz, não existiam preocupações, nem guerras, doenças ou mortes. Apenas vivia e sentia o momento, sem me preocupar com o ontem, o hoje e o amanhã.

Era bom demais para ser realidade, não era a realidade. A vida é cruel, limita-nos, deixa-nos claro o que não podemos fazer ou ser, chega a impedir-nos de sonhar. Todos os dias é uma luta constante para não falhar e cumprir com os nossos objetivos. Quando damos por nós vemos a vida a passar por nós sem a podermos agarrar.

Um dia um velho sábio partilhou comigo: ***“Para o fim da vida vêm os maiores arrependimentos. Nessa altura já não há nada a fazer. Vive o agora, é o único momento de sonho que controlas, o amanhã é incerto.” Quando lembro estas palavras, volto sempre ao mesmo: O que é a vida, o que é o sonho, se não o poder sentir e viver?***

VIVER

Imaginem que todos os dias têm de fugir de vocês próprios, seja para provar que conseguimos, que somos capazes ou até mesmo que somos mais. Imaginem agora que na realidade não temos de fugir, que podemos apenas ser um só, podemos apenas ser nós próprios, podemos apenas ser genuínos na vontade de existir.

Eu tinha medo de me aventurar em algo, sem ninguém para me acompanhar, medo da solidão, de não me adaptar e não ter ninguém que me ajudasse. Basicamente, tinha medo de sair da minha zona de conforto, por isso tentava fechar-me no meu casulo e não aproveitar o que de bom a vida me dava, e ser verdadeiramente feliz. Tudo isto por medo.

Agora deixei de ter esse medo que não me deixava avançar e decidi sair daquele conforto para me aventurar e experienciar coisas novas, aproveitar a vida e, finalmente, encontrar a verdadeira felicidade, onde sou eu mesma e não me escondo.

Durante este tempo apenas vivi, apenas segui em frente sem a euforia a percorrer-me pelas veias, mas agora, sei o que é viver à exaustão o sentido de existir todos os dias. ***O amor, toda a interação e a vontade de ser acolhida nas mais minuciosas evoluções são hoje os momentos que prezo todo ano, todos os meses, todas as semanas. Eu escolho viver...***

1º MOMENTO - *SOU O QUE SOU EM VIRTUDE DO QUE TODOS SOMOS*

Quando supostamente deveria ter começado o meu caminho, várias dúvidas surgiram no meu pensamento: estaria eu a tomar a decisão certa? Seria aquele o momento ideal para começar? Eu duvidava até mesmo se seria capaz de alcançar o sucesso. Com o tempo, dessas dúvidas começaram a surgir as respostas e finalmente decidi arriscar, iniciei o meu caminho. Não me arrependo da decisão, mas é engraçado ver que qualquer Aprendiz em início de caminho tem como grande receio falhar com o seu Mestre.

Agora, já com alguns anos de jornada compreendo que o nosso receio deve ser não falharmos connosco próprios. A minha Mestre passava-me várias vezes a ideia de que “*sou o que sou em virtude do que todos somos*”. Por várias vezes não compreendi e até ignorei.



Por alturas do mês das colheitas, fui convidada a animar um grupo de pequenos jovens Aprendizes, onde a reflexão e a partilha eram algo constante. A alegria e a inocência marcavam os nossos dias. Deixava-me contagiar por aqueles olhares que me transmitiam a vontade de simplesmente vivermos felizes a fazer o que mais gostamos. E então percebi a primeira grande lição da minha Mestre:

Sou o que sou em virtude do que todos somos, na medida em que primeiro procuro encontrar o meu lugar no mundo e que este acontece na relação de partilha e Aprendizagem que me predisponho a ter com os outros.

A CRIANÇA EM MIM

Muitas vezes acabamos por banalizar a sabedoria daqueles que nos rodeiam, não necessariamente por termos uma atitude arrogante ou altiva, mas apenas porque consideramos que quem não está a viver o mesmo que nós não sabe o suficiente para nos apoiar ou ajudar a caminhar.

Acima de qualquer um que nos rodeie, as mais banalizadas são as crianças. A sua inocência e imaturidade condenam-nas por um crime do qual não têm culpa. Na demanda pelo autoconhecimento, toda a ajuda é preciosa e por vezes a chave está mesmo nas crianças. Não uma criança qualquer, mas em nós próprios há muito tempo atrás.

Todas as crianças são definidas por um conjunto de sonhos teoricamente sem sentido, alimentados pelas suas ilusões. Com a ajuda do meu Mestre cheguei à conclusão que a maior parte dos meus sonhos em criança, dos que me lembro, estão diretamente associados a objetivos que tenho no presente ou a capacidades apreendidas ao longo da minha vida.

De forma mais rebuscada ou mais concreta concluí que eu sou e sempre fui a mesma pessoa e mesmo com treino e evolução as raízes são as mesmas. Tudo aquilo que ambicionava ser ou ter está presente no meu “agora” e faz parte daquilo que sou. Essa criança não morreu, ela vive em mim.

Todos temos uma criança dentro de nós capaz de nos ensinar mais do que alguma vez imaginamos. Basta prestar atenção e ouvir.

VIVEMOS EM LIBERDADE

A dada altura, no meu caminho de redenção, o meu Mestre questionou-me se eu vivia em liberdade ou se acreditava no destino.

Sendo esta uma reflexão com a qual já me tinha confrontado enquanto perdido nos meus pensamentos, confiante respondi-lhe que vivia em plena liberdade, consciente e dono das minhas escolhas e decisões. Tudo o que tinha conquistado tinha-o escolhido e lutado para obter. No meu dia a dia e perante as condições apresentadas pelo Cosmos eu escolhi escolher o meu futuro.

Perante a minha resposta o meu Mestre virou-me costas, caminhou para o meio do verde e perdeu-se na floresta. Fiquei confuso e não tive tempo de reagir ou correr atrás dele pois quando me apercebi que ele me tinha abandonado já ele se tinha fundido com os troncos e ramos.



Cerca de uma época anual mais tarde encontrava-me numa outra floresta a treinar acompanhado por outros Aprendizes. Foi quando o meu Mestre apareceu. Corri para ele e disse: "Mestre, perdoa-me porque estava demasiado convencido da minha sabedoria para analisar o que me havias proposto como um todo. ***Reafirmo que sou livre, que escolho e comando o meu futuro, mas este está e estará sempre condicionado pela existência dos outros porque vivo em comunidade e a minha liberdade acaba quando começa a do meu próximo. Sou o que sou, em virtude do que todos somos.***"

MAIS VALE A PACIÊNCIA QUE O HEROÍSMO

Um navio gigante aguardava pelas 9 horas para arrancar numa jornada que me iria levar pelos quatro cantos do mundo e pelos cinco continentes.

O entusiasmo desta jornada era imenso. Queria divertir-me o máximo possível e queria viver aquele ano da melhor forma possível. Até que aconteceu o inesperado, algo que não devia acontecer. Todo o meu entusiasmo, começou lentamente a desaparecer pois aquela viagem não estava a corresponder às minhas expectativas elevadas. A viagem épica pelo mundo tornou-se rapidamente num exercício de disciplina. Um exercício que se refletia em autocontrole para todos os dias me levantar e me preparar para a viagem o melhor possível.

Nesta viagem onde comecei a obrigar-me a ir, aproveitei os pequenos gestos que eram feitos para mim. Aproveitei os momentos de felicidade, o meu autoconhecimento e o dos outros. Esta viagem que durou um ano, fez-me mudar completamente, fez-me treinar o meu autocontrolo.

Uma viagem que devia mostrar-me o mundo, fez-me ver que o mundo existia em mim e em tudo aquilo de que sou capaz. Recordo então um ensinamento antigo:

"Por vezes, mais vale a paciência que o heroísmo, mais vale quem domine o coração do que aquele que conquista uma cidade".

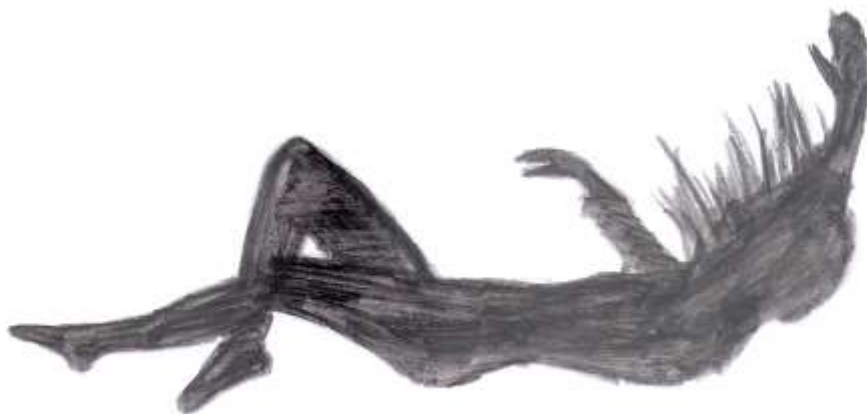
TEMPO

Chegamos ao fim de mais uma jornada.

Medito agora sobre a relatividade do tempo. É curioso como o mesmo tempo passado com as mesmas pessoas pode ter noções tão diferentes para mim e para os meus companheiros. Até mesmo em mim sinto que passou tão rápido e ao mesmo tempo, tão devagar. Para mim, o treino tem este efeito. Quando dás por ti já viveste e evoluíste tanto, mas ao mesmo tempo olhas para trás e apercebes-te que já começaste há muito tempo e olhas para o conjunto de provas que o teu Mestre te deu ou que te impuseste a ti próprio e ficas fascinado com o quanto já fizeste.

Afinal o que é o tempo? Um segundo, um minuto, uma hora, um dia, uma semana, um mês, um ano. Será um ano apenas o tempo que o nosso planeta demora a circundar o astro central do nosso sistema de planetas? Será um dia o tempo que o nosso planeta demora a dar uma volta sobre si próprio?

Tempo, tempo, tempo. Algo único, irreversível com o qual podemos fazer tudo ou nada. Será o tempo uma escolha? Infinito, indomável a partir do qual determinamos a nossa vida. Será o tempo uma maldição? Cheio de tudo e cheio de nada, com todo o potencial para se tornar em tudo e em nada. Será o tempo um vazio?



Tempo

A Jornada do Cavaleiro - Diários do Aprendiz

A verdade é que ainda não cheguei a uma conclusão sólida sobre o que é o tempo, mas já sei o que fazer com ele. ***O tempo é sem dúvida tudo e nada e só depende de nós decidir o que queremos fazer com ele.*** Eu escolhi lutar, treinar, crescer e ao longo do meu caminho vou guardar sempre o que considero um dos maiores ensinamentos do meu Mestre:

“Faço o melhor que posso e sei com os recursos e tempo que tenho.”

AJUDAR-ME A MIM

A vida põe-nos à prova todos os dias e várias são as decisões que temos que tomar. A questão que se coloca é se dessas mesmas decisões que nos são colocadas à frente, e que diariamente nos desafiam, tomamos a decisão mais racional ou optamos por seguir o coração.

Foram várias as situações em que me vi na difícil tarefa de ter que tomar uma decisão. Confesso que em muitas delas senti uma grande dificuldade, principalmente quando se tratava das pessoas que mais gosto, pois torna tudo ainda mais complicado.

Houve várias situações em que me vi obrigada a seguir o meu coração para não magoar as pessoas de quem mais gosto, mas com o tempo percebi e aprendi que independentemente da situação que for, devemos sempre optar pelo caminho mais racional. Quando decidimos seguir o coração, existe uma enorme possibilidade de não estarmos a fazer o mais correto e de mais tarde nos virmos a arrepender.

Ao seguir o meu coração ajudava os outros, mas acabava por magoar-me. Decidi escolher-me, ajudar-me ao que sou em primeiro lugar. Para poder ser casa para os outros tenho de saber ser casa para mim.

PROTAGONISMO

Andava por um lugar que considero a minha segunda casa, um tal de lugar a que chamo de Ideias, foi lá que despertei todo o meu interesse em querer saber quem eu era.

Numa tarde, Mestre *Hades* propôs-me que o acompanhasse numa aventura com um grupo de Aprendizes, a qual aceitei com imenso interesse pois aí iria ter uma oportunidade para mostrar a minha capacidade enquanto líder.

Quando o sol começou a recolher e os lobos começaram a aparecer, encontrei o grupo de Aprendizes junto do meu Mestre na Floresta do Fogo. Após grandes conversas que duraram pela noite dentro, percebi que ninguém acreditava naquele grupo de Aprendizes, pois estes não mostravam tanto as suas capacidades como outros Aprendizes com quem já havia treinado.



Quando finalmente chega a hora de recolher questioneei o Mestre *Acalântis* sobre o porquê de muitas vezes só sermos capazes de nos concentrarmos no ser finito que somos e duvidarmos das nossas capacidades. *Acalântis* olhou para mim e perguntou: - *Zaki* porquê a pergunta?

Eu, com cara séria respondo: - Não percebo porque duvidam tanto de nós. Por vezes, por mais que tentemos mostrar quem realmente somos, não conseguimos ser protagonistas. Olha para este grupo de Aprendizes. Mesmo depois de tantas guerras vencidas, ainda duvidam.

Acalântis fixou o seu olhar em mim e respondeu: ***é preciso não ter medo de falhar, seja quantas vezes forem precisas. No momento em***

que decidimos procurar o protagonismo e o praticarmos de forma honesta, ele vem ao nosso encontro, tal como aconteceu com estes Aprendizes. Lutaram, venceram as suas próprias guerras, sempre com honestidade e por fim... mereceram o nosso respeito e confiança. O protagonismo também se aprende, mas antes de tudo, faz-se por merecê-lo.

A POSSIBILIDADE DO IMPOSSÍVEL

Estávamos nós, eu e Mestre *Kimbai*, ao redor de uma fogueira. Enquanto o Mestre contava a velha lenda da montanha impossível de escalar da ilha de *Motunui* questionei incessantemente o porquê de ninguém tentar escalar esta tal montanha. Foi então que Mestre *Kimbai* me respondeu: "Um dia estarás à espera do impossível só pela possibilidade de torná-lo possível. Vai, tenta escalá-la e só assim terás uma resposta."

Ensinaram-me, ainda criança, que o maior apoio que podias oferecer a alguém era desafiá-lo a ser mais, e nunca discordei. Passaram-se dias e não consegui esquecer o que o Mestre havia dito, afinal o desconhecido sempre me fascinou.

Com uma vontade férrea de fazer de mim o impossível decidi arriscar aquela montanha impossível. Assim, num dia um pouco nublado, mas o suficientemente visível para o que queria, analisei precisamente todos os possíveis perigos que pudesse correr e com todo o material que conhecia à minha disposição tentei fazer da lenda, a minha lenda.

Ao iniciar a subida o tempo mudou subitamente. Todo o plano inicial estava esgotado. Mesmo assim arrisquei. Cada braço que erguia, cada metro que subia tornava-se num esforço colossal e sem efeitos práticos. Escorreguei nas minhas próprias forças. Ali, naquele momento, tudo que queria era desistir e descer para poder descansar. Nesse momento, fechei os olhos por um momento, deixei que o meu instinto falasse mais alto e, na escuridão dos meus pensamentos, deixei que a minha intuição me elevasse até ao topo. Mecanizei os meus movimentos, acreditei no impossível e deixei de quantificar o que não sabia.

Passo a passo, alcancei o inesperado. Naquele momento, a lenda de Motunui deixou de ser lenda. Já no topo, senti uma vontade imensa de contar a todos o meu feito, mas estava sozinho. Percebi, no silêncio daquele momento exato, que não havia história nenhuma para contar. Aquela montanha, a sua lenda, tinha de continuar a ser

Tempo

A Jornada do Cavaleiro - Diários do Aprendiz

impossível, só para que todos os outros que ainda não a tinham subida percebessem o seu possível.

AS LIÇÕES DE BUDA

Entre o muito que vivi, as 25 lições Buda foram um dos ensinamentos mais importantes. Recordo um dos momentos em que algumas delas sobressaíram do nada, num daqueles regressos ao sempre de nada.

Nesta caminhada de descoberta deparei-me com uma aldeia. Era pequena, mas muito aconchegante. Passo cá imensas vezes. Antes com mais frequência, agora tenho passado quando tem de ser. Acho que deixou de ser apenas aquela aldeia e passou a ser o meu campo de treino.

A minha ausência causada pela descoberta de novos lugares contribuiu para que a aldeia deixasse de me dar o conforto que me dava anteriormente. O que é certo, é que apesar de tudo, as pessoas não deixaram de me receber.

Ouviram os meus passos e saíram de dentro das suas casas e vieram ver quem era. Já era de noite tinha fome e não tinha onde dormir. Eles perceberam, e mesmo sabendo que começara a passar o meu tempo em outras aldeias convidaram-me para jantar com eles. Ao jantar falamos das 25 lições de Buda e a importância delas e da relação que fazia com as minhas novas descobertas.



A aldeia de que vos falo agora era ligeiramente maior, tinha mais pessoas, mas mesmo assim, não era tão avançada e unida, porém eu adoro estar lá e por vezes contava as peripécias que tinha vivido na minha casa-mãe. É aqui que encaixam as 25 lições “**quem olha para dentro desperta**” e eles despertaram e escolheram melhorar o sentido de estar com a minha ajuda, porque afinal de contas “**a felicidade nunca diminui sempre que é partilhada**”.

Continuamos a conversa depois de jantar, mas desta vez pediram-me para falar sobre mim já que andava desaparecida, ao que respondi “**ninguém pode caminhar o meu caminho por mim**”. Então alguém sobressai, Ana, uma pessoa que me era muito próxima.

Já passou muito tempo desde a nossa última conversa sendo que esta não acabou de melhor forma. As dúvidas entre nós permaneceram e a falta de confiança separou-nos.

Sempre foi uma ótima conselheira e desta vez, já no fim da conversa, sem que ninguém reparasse, puxou-me para ela e disse-me sussurrando: - Apesar de tudo, não te condeno pelo caminho que escolheste. Não deixes que o facto de ter discordado de ti sobre os teus pensamentos e suposições que te fizeram questionar se fizeste bem ou mal em ir em busca de novas aventuras te atrapalhem porque tal como Buda ensinou “**controla a tua mente ou ela vai controlar-te**”.

**2º MOMENTO – O IMPORTANTE É QUE ISTO NUNCA FOI SOBRE TI,
FOI SEMPRE SOBRE OS OUTROS**

Há pouco ouvi uma história sobre um jovem Aprendiz. Foi-lhe dada a tarefa de construir uma casa na árvore, tinha vinte e quatro horas para cumprir a sua tarefa. Então, pegou nos seus materiais e começou a construir dedicando todo o seu tempo à sua obra. Quatro jovens apareceram encantados e quiseram ajudar a construir. Depois de algumas horas já cansados, quiseram apenas brincar.

O jovem Aprendiz brincou durante duas horas sem nunca esquecer a sua obra. Pensando que finalmente estariam exaustos e queriam ir embora disse-lhes que tinha que trabalhar na sua obra. Mas eles não se foram embora nem deixavam o jovem Aprendiz trabalhar. Já não sobravam muitas horas e mesmo assim continuavam a fazer perguntas. Então o jovem Aprendiz tomou a decisão que tanto adiou. Desistiu da sua obra e conversou com eles, dando-lhes as respostas às suas perguntas, até que adormeceram no seu colo.

De manhã o Mestre perguntou-lhe como estava a sua obra. O Aprendiz, derrotado, pediu desculpa e disse que não a conseguiu cumprir. Sorrindo, de olhos nas crianças, o Mestre respondeu:

- A tua obra não é esta casa nem a tarefa que tinhas que cumprir, mas sim estes jovens, os quais colocaste acima de ti e das tuas prioridades pois **isto nunca foi sobre ti, mas o que podes multiplicar nos outros.**

Depois de perceber parte do meu lugar no mundo importo-me com a minha missão multiplicadora, procuro perceber que existo para além das minhas fronteiras físicas, intelectuais e espirituais.

VOLTAR AO TREINO

Anualmente, os Aprendizes mais sábios juntam-se a alguns Mestres numa jornada de capacitação, a Saga do Horizonte. Ao longo de quatro semanas eles unem-se para formarem Aprendizes mais jovens, que precisam de assimilar as suas inúmeras capacidades e poderes escondidos, para que os possam passar ao mundo que os rodeia, sendo esse mundo do tamanho definido por cada um deles.

Este tempo, em que todos são em virtude dos outros, é um poderoso campo de treino tanto para Mestres como para Aprendizes.



Pela segunda época anual consecutiva estou na Saga do Horizonte, e agora percebo a força e vitalidade que ganho por voltar ao treino. Nunca será demais partilhar a nossa sabedoria e experiência com os outros, e devemos ser sempre recetivos a novas Aprendizagens.

Voltar ao treino é ganhar vida e partilhá-la com o mundo, e possivelmente, dar espaço a que outros mundos preencham o meu.

A PRÓXIMA MONTANHA

Por aqui, na imensidão da floresta, tomei consciência da minha própria inconsciência. Não estou a falar da ignorância, mas sim da inconsciência da aprendizagem.

Tal como as Laurissilva, árvores majestosas e imponentes, que conseguem escurecer o sol mais radioso criando um ambiente à parte, poderei até dizer mágico, eu, sinto-me à prova, quero crescer, quero expandir-me, quero saber do que sou capaz, quero ver quão alto consigo ir. Mas tenho de ter consciência que posso cair. O caminho não é fácil e a subida é íngreme e o mais importante de tudo é aprender que se começa por baixo, pela base da montanha, sem nunca esquecer que para crescer é preciso uma base forte, boa e sólida para que não contamine negativamente o topo.

O problema começa quando te aconchegas às raízes, elas começam a prender-te e tu já não consegues escapar. É aí que me apercebo que só me resta ter fé. E então concentro-me em mim, no meu crer, no meu florescer. Porém, apercebo-me que estava errada, e olho para o lado e vejo cerca de uma dezena de pessoas que tinham acabado de se soltar das raízes porque estavam prontos para subir e a dúvida sobre a minha capacidade de chegar ao topo era enorme. As pernas latejavam e o medo ocupava espaço no meu interior.

E aí, alguém se destacou no grupo, agarrou na minha mão e disse: “Eu ajudo-te”. Sem pensar, instintivamente, levou-me pela subida mais íngreme, perigosa e radical.

Chegamos ao topo. Estava exausta. Eu e os outros. Paramos para descansar antes de explorar a coroa da montanha. Levantamo-nos simultaneamente e nem queríamos imaginar... a vista era incrível!!!

Recompus-me, despedi-me, e comecei a descer até que me perguntaram: - Chegaste ao topo, consegues ver todas as Laurissilva, superaste-as e agora vais te embora?

Ao que eu respondo: - ***Contigo superei esta montanha, agora volto para onde comecei para poder ajudar outros a subir. Não é justo guardar toda esta beleza só para nós.***

A HOSPITALIDADE

Acabei de ter o privilégio de ver uma paisagem arrebatadora. Contemplei-a, absorvi-a e decidi descer a montanha para que outros pudessem ter a mesma oportunidade que eu tive. E foi isso que eu fiz. Aos primeiros passos cruzei-me com *Dyana*, ela estava a chegar ao topo, não tinha vindo sozinha, mas não se encontrava acompanhada, estava cansada, mas não desistiu.

Aproximei-me dela, aquela cara não me era estranha, conhecia-a de outros tempos, de outras andanças. Ao princípio, não me mostrou recetividade nem reciprocidade para vir ao meu encontro. Decidi dar-lhe uma hipótese e tomar iniciativa.



Deixei-a contemplar a vista e esperei que descesse até ao ponto que nos tínhamos cruzado. Ela chegou, não a deixei passar antes de lhe fazer uma pergunta: - Se preferires ficar sozinha, posso guardar a minha hospitalidade para o próximo viajante? – Era um momento contraditório. Ela abanou-me com a cabeça, mas não percebi exatamente o que queria dizer. Percebi que as dúvidas estavam a pairar e resolvi responder por ela: - **A hospitalidade começa em ti**

e só te pertence quando a dás. Dyana não ficou muito convencida, mas aceitou a minha disponibilidade.

Começamos a descer a montanha, era íngreme e o terreno não era propriamente o melhor. E foi aí que tudo recomeçou, quando me deparei colocamos o passado de lado e ajudamo-nos mutuamente.

Entretanto as curvas começaram a surgir e a dificuldade elevou-se e decidi recordar os tempos já passados, ela aceitou e entrou no desafio. Coloquei-a à prova e fui colocada. Falamos de temas mais complexos, mas tanto eu como ela mantivemos a racionalidade, o respeito e não deixamos que essas coisas atrapalhassem a nossa descida.

Quase a acabar, já conseguíamos ouvir o murmurinho das pessoas. A discórdia ficou preventivamente lá atrás. Agora só nos restou a conversa e involuntariamente descobrimos coisas em comum, sentimo-nos iguais e libertei-me, confiei nela e partilhei um bocado do meu coração.

3º MOMENTO – UM DIA VI-TE E PERCEBI QUE ERA EU...

O mundo como cada um de nós o conhece está para além do subjetivo, chega a ser absurdo a forma como o vemos, sobretudo quando nos damos ao trabalho de partilhar a nossa opinião com o universo em redor. Tudo o que eu digo é assimilado e entendido de forma absolutamente distinta por cada um dos que me ouve. Cada um absorve, subverte e rentabiliza a informação de forma diferente, com uma intensidade diferente, numa perspetiva diferente. Por isso também a forma como vemos o bem revoluciona as nossas ações.

Um dia vi-te e percebi que era eu... Em equilíbrio com o que sou e o que sou capaz de mudar no mundo aceito a bênção que é poder mudar a vida dos outros enquanto mudo a minha. Posso não ter um plano “totalmente definido”, mas também não vejo o “fim à vista” e enquanto não há fim, há caminho por fazer.

CUIDA DE MIM

Por estes dias alguém me perguntou "*Quem é que realmente deixas que cuide de ti?...*" Para deixarmos que alguém cuide de nós, primeiro é preciso que "alguém" escolha tomar conta de nós. Para termos direito a essa escolha é preciso que esse direito nos seja facultado. Depois desta bênção, então podes começar.

Deixarmos que alguém cuide de nós sem olharmos às suas intenções é algo muito natural. Aliás, somos seres mensuráveis que buscam sempre o tangível. Termos alguém que sentimos que cuida de nós é um privilégio sobre o qual não podemos abdicar. Aliás 90% da nossa vida é sustentada por quem cuida de nós, por quem nos dá a base, por quem, apesar do seu tempo e objetivos faz de nós, também o seu tempo de objetivos.

Por isso, mais do que deixar que cuidem de mim, preciso que cuidem de mim para que possa continuar a cuidar dos outros e claro, para cuidar de ti, que cuidas de mim.

SOLIDÃO PREENCHIDA

Estou numa época em que contamina e me deixo contaminar positivamente. Ao longo destas semanas acompanho futuros potenciais cavaleiros e deixo que eles me contaminem. A verdade é que após a primeira semana sinto um combinado de emoções. Uma semana em que tencionava estar a 100%, mas as provas complementares não o permitiram. Mas apesar de não estar fisicamente presente todos os dias, nos momentos em que estive preocupei-me em vivê-los por inteiro, vivê-los o mais intensamente possível e estar de corpo e alma com aqueles seres que tanto nos ensinam. Sim, porque apesar de sermos nós os mais velhos e estarmos ali para os fazer viver e aprender com as nossas vivências, eles também nos dão a oportunidade de viver e aprender com eles.



Esta semana que passou foi verdadeiramente uma aventura, apliquei-me para as provas e ao mesmo tempo estive com pequenas grandes almas que nos fazem entender que a vida é algo tão mágico e único que não podemos desperdiçar.

Nestas semanas tivemos o poder de influenciar os outros, de fazer parte do caminho deles e os ajudar a evoluir. Tivemos o poder de lhes mostrar o mundo, de os ajudar a viver. Tivemos um poder de multiplicar, sem sabermos muito bem calcular o que multiplicamos.

Num dia destes grandes tempos de aventura, tive de cumprir uma obrigação complementar e por isso abandonei o grupo mais cedo. Enquanto seguia caminho apercebi-me que ainda tinha algum tempo e eu, como pessoa atormentada pela solidão que sou, comecei logo a pensar quem poderia contactar para me encontrar, para não estar sozinha. Contudo não cheguei a contactar ninguém e surpreendentemente deu-me uma súbita vontade de estar sozinha. Foi então que me sentei no parque a receber vitamina D e me apercebi que aquela semana tinha sido bastante agitada e cheia de ruído. Olhei para tudo à minha volta, para as árvores a agitarem-se com o vento, para as pessoas que passavam, imaginando quais os seus pensamentos. Naquele momento de paz e silêncio interior dei conta do quão rica é a minha vida. Dei conta de todas as oportunidades que tenho para viver e ser feliz, da responsabilidade que tenho ao contaminar a vida de outros. Apercebi-me que apesar de ser um grãozinho de areia no meio de um areal enorme, tudo o que faço acaba por ter reflexo no mundo.

Contaminei e deixei-me contaminar e percebi que a vida é um enigma incompreensível que deve ser vivido com a maior intensidade e espontaneidade e que, se assim for, seremos felizes.

Eu, que tanto fugia da solidão apercebi-me que esta se torna essencial à vida para que possamos parar, olhar para aquilo que somos e fazemos e valorizarmos o caminho que já fizemos e perceber o melhor modo de o continuar a fazer. A solidão pode ser positiva se a soubermos usar. Se a usarmos como refúgio de reflexão.

O FIM DE TODAS AS COISAS

Nunca tiveram medo do fim? Nunca pensaram “como é que isto vai ser quando tudo acabar”? Muita gente tem medo de morrer. Sinceramente, eu tenho medo é de renascer. Ter que reviver tudo de novo é desconcertante.

Quando alguma coisa acaba, significa que novas portas se irão abrir. Novas oportunidades irão surgir e que no nosso caminho aparecerão pessoas que precisam que lhes mostremos a nossa essência. Quando achamos que já não há mais nada pelo que lutar, acontece sempre algo que nos dá um novo objetivo. Falo disto porque, quando estava com o meu Mestre, pensava que não queria que o meu caminho acabasse. Mas esqueci-me de uma coisa fundamental e que era a mais importante de todas: o Tempo.

Percebi e aprendi que meu Tempo é diferente do Tempo dos outros que o meu caminho com o meu Mestre chegaria ao seu auge, porque os nossos tempos são diferentes, mas o Tempo é infinito. O caminho nunca acaba, mas a forma como o fazemos é sempre diferente.

E agora pergunto: onde estão as novas montanhas do fim? O segredo não está em evitar o fim. Está em todos os fins que cada novo Tempo nos trará.

DESTINO OU LIBERDADE?

Aqui, no meio destas montanhas, não existe vida nem morte, apenas o momento do agora. O agora é um equilíbrio dos elementos que me rodeiam.

Aqui, acontece uma vez por cada ano o encontro dos Grandes Cavaleiros. Sentados na margem do grande lago, refletimos sob o silêncio ensurdecedor das montanhas. Estamos a partilhar as viagens que fizemos desde a última vez que aqui nos encontramos no ano anterior. Um dos cavaleiros mais novos conta como o destino o trouxe a este lugar, que acredita que o seu caminho está traçado e que pelo destino conseguiu os grandes feitos da sua missão. O Mestre, muito revoltado, obrigou-o a sair do encontro dizendo-lhe que o destino tinha decidido que a sua missão tinha terminado. O jovem cavaleiro, surpreendido com a decisão do seu Mestre, abandonou o local sentindo-se imensamente perdido. Durante a sua caminhada de regresso questionou as palavras a propósito do seu destino, mas não consegui compreender.

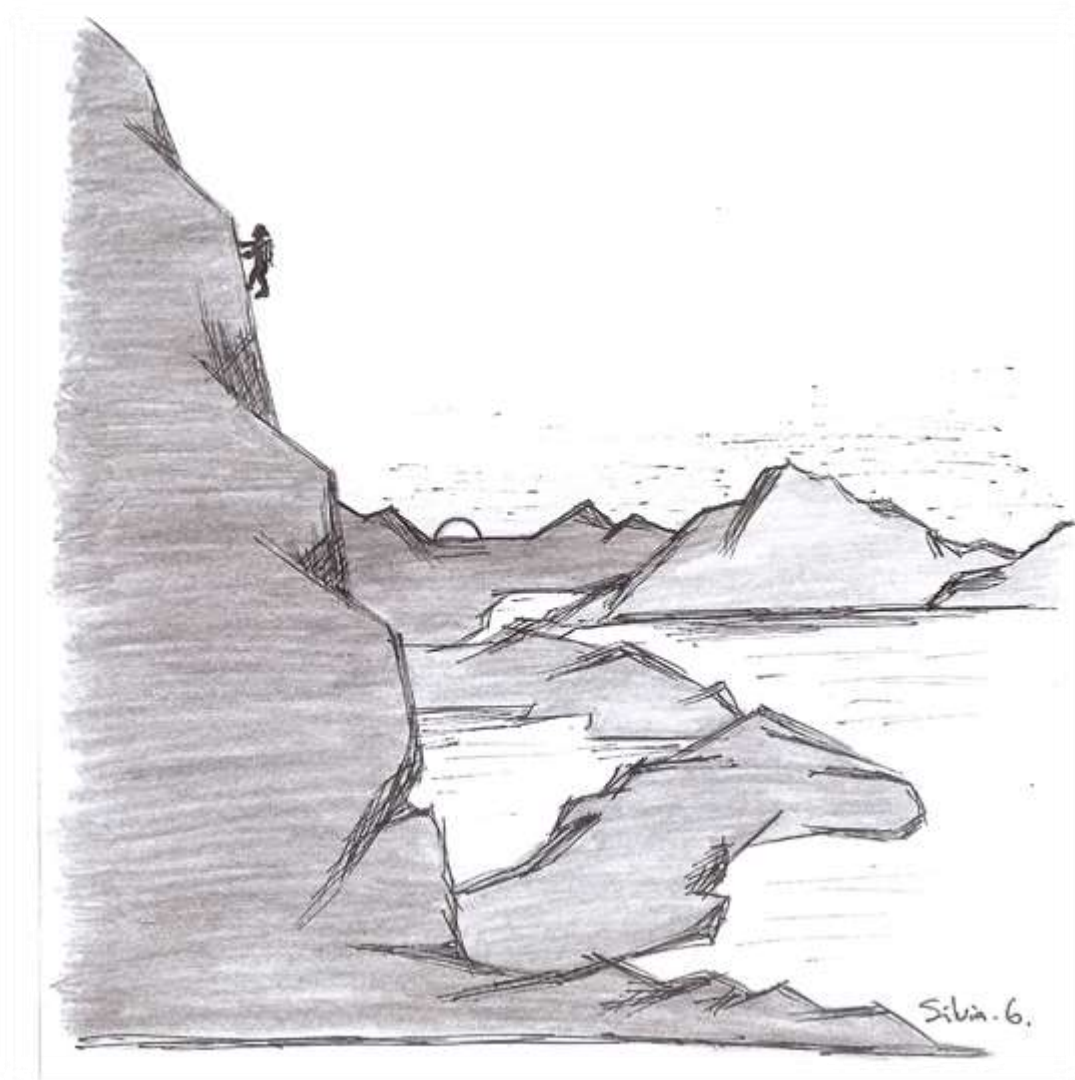
Durante o ano seguinte passou por duas grandes provas. A primeira, a propósito do seu trabalho e do quanto este o desmotivava até ao ponto de exaustão e a segunda a propósito sobre a relação que o destruía.

No dia do encontro anual de cavaleiros, não hesitou e arriscou enfrentar o seu Mestre. Contou-lhe as suas aventuras e como se transformou de modo a ser feliz com o seu trabalho, assim como escolheu libertar-se da sua relação destruidora. O Mestre perguntou-lhe se tinha sido o destino ou a liberdade a levá-lo até ali. O jovem Aprendiz compreendeu então que o destino existe em equilíbrio com a liberdade, mas que só em liberdade ele pode procurar o caminho de felicidade.

Tempo

A Jornada do Cavaleiro - Diários do Aprendiz

Na verdade, compreendeu que não fora o destino, mas sim a coragem, a sabedoria e o discernimento que o haviam ajudado a moldar o seu caminho... que havia escolhido em liberdade.



Depois disto, o Mestre abraçou-o e convidou-o a juntar-se ao encontro, na margem do grande lago.

PEDIR AJUDA

Semanas épicas, experiências extremas e memórias eternas. Assim têm sido os últimos tempos e hoje, encontro-me numa dessas semanas, em que me descubro e que descubro os outros em harmonia com o planeta azul e os seus quatro elementos: terra, água, ar e fogo. E não poderia haver melhor sítio que uma das magnificas ilhas dos Açores, o paraíso na Terra.

Num destes magníficos dias fomos explorar mais um recanto da terra, o jardim José do Canto e começamos por perceber as suas origens e depois seguir um percurso do parque que nos levava a um sítio mágico, que é a Cascata do Salto do Rosal.

Contudo, um obstáculo atravessou-se no meu caminho. Devido a uma lesão no tornozelo, fico impedida de caminhar por mim e sou forçada a auxiliarme com canadianas.

Inicialmente, tento fazer o caminho sozinha, por mim mesma, apenas com o auxilio das canadianas, no entanto, o caminho não se revela fácil e torna-se demasiado complexo, impossível para a minha condição física. Aqui entram grandes companheiros Aprendizes que se determinam a levar-me até ao fim do caminho. O caminho não foi fácil, levou-nos ao nosso limite físico, mas também psicológico, mas chegamos lá. O objetivo foi cumprido e a prova superada. Conseguimos chegar à cascata e deslumbramo-nos com aquele fenómeno magnifico da natureza. A sensação foi única, quase inexplicável, a sensação de autossuperação deixa-nos realizados e com a sensação de que somos capazes de abraçar o mundo.

Toda a experiência e sensação são um pouco inexplicáveis. Foi um completo desafio que se encerrou num sentimento de conquista, mas o mais importante foi que não o fiz sozinha. Depois de muito pensar e refletir, concluo que nunca caminhamos sozinhos. O caminho nem sempre é fácil e por vezes nem estamos preparados para o fazer sozinhos. ***O importante é perceber que às vezes precisamos de ajuda e admiti-lo. Perceber que temos pessoas do nosso lado que nos vão ajudar e vão partilhar connosco a***

Tempo

A Jornada do Cavaleiro - Diários do Aprendiz

felicidade de concluir a prova como se fossemos um. Pois a felicidade só faz sentido quando é partilhada.

DIÁRIOS DO MESTRE

A PONTE ENTRE MUNDOS – PARTE I

Era o fim da época seca. Estávamos a caminho de casa, mas decidimos passar uma temporada pelas montanhas de *Geray* antes de voltarmos às nossas lides do dia a dia. Por esta altura são as comemorações da época da Noite Profunda, altura da época anual onde as populações de *Geray* homenageiam os seus mortos.

Entre as muitas iniciativas destacava-se o Ritual de *Mundanis*, praticado na denominada Ponte entre Mundos, uma antiga ponte em granito maciço, imemorial, sem grandes certezas sobre quando havia sido erigida. O ritual consistia num exercício de meditação grupal em que os habitantes da comunidade de *Misai* (aldeia onde ficava a ponte) concentravam a sua energia benigna numa visão imaginária coletiva de fortalecimento das fundações da ponte. Na sua mente cada um via uma espécie de aura azul a sair do seu corpo que depois era canalizada para uma das vigas ou fundações da ponte. A harmonia era tal que cada participante, mesmo sem falarem entre si, conseguiam canalizar a sua energia benigna para um ponto diferente da ponte, sem que as diferentes energias alguma vez se interrompessem ou chocassem entre si. Este exercício significava deixar seguro um dos caminhos possíveis entre este e o outro mundo, o Mundo Eterno, que habitantes de *Geray* acreditavam ser a última morada.

Este era um ritual pagão, não reconhecido pela Ordem dos Cavaleiros do Poder, mas como todos os Mestres, tínhamos sido ensinados a respeitar cada um, cada comunidade, cada território nas suas crenças, formas de estar e formas de interpretar a sua própria realidade.

Hoje o nosso destino seria *Misai* e o Ritual de *Mundanis*. Nesta viagem estava eu, Mestre *Lyn* e os Aprendizes *Yber*, *Juny* e *Tartarus*.

Chegamos bem cedo para podermos assistir a tudo sem causar alvoroço entre os locais. Sentamo-nos discretamente numa falésia com ampla visão para a ponte e deixamo-nos envolver pelas indicações do Feiticeiro-Mor de *Misai*. Seguimos todos os passos que nos foram sendo debitados pela sua voz, e

envolvemo-nos espiritualmente naquele momento de existência maior, em que homens e mulheres se esquecem dos detalhes e se acrescentam uns aos outros em busca de algo maior, sendo eles o todo de algo maior, a Humanidade que é capaz de despertar em cada um de nós o melhor que somos e queremos ser.

Exercícios de meditação coletivos eram normais entre Mestres, mas aquele estava para além da nossa compreensão. Pessoas de todos os credos, de todas as castas da sociedade, misturavam-se entre si, esquecendo passados, presentes e futuros. O importante era a tarefa ancestral que estavam ali para realizar em nome de uma edificação maior.

Ao fim de algumas horas acabamos o exercício. A imagem mental que todos tínhamos tido das várias energias a entrelaçarem-se de forma perfeita terminando com uma visão da ponte protegida por uma imensa aura azul clara arrebatou-nos. Era em momentos como estes que percebíamos que continuávamos a ser pequeninos e que o caminho ainda estava todo por fazer.

No final dirigimo-nos ao Feiticeiro-Mor para lhe prestarmos o nosso tributo. Abençoou-nos aos cinco e ficamos algum tempo a conversar sobre o significado do Ritual de *Mundanis*. Sem revelar o que falamos, há uma mensagem que nos deixou e que passo a transcrever, retirada diretamente do Livro dos Elementos:

Entre este mundo e o outro há muitas passagens. Alguns nunca as irão ver, outros nunca saberão da sua existência, uns poucos, farão da sua busca a eterna caminhada. Por fim, um conjunto ínfimo de nobre guerreiros perceberá que cada um é a passagem, que ele é ponte entre mundos. Por fim sobra uma escolha, quando é que deixaremos o outro passar a ponte?

Texto da autoria de Abraão Costa

ESCOLHES O DESTINO OU A LIBERDADE? – PARTE II

Nas montanhas de *Geray* existe um local especial onde os Mestres da Ordem dos Cavaleiros do Poder levam os seus Aprendizes para aprenderem a diferença entre a Liberdade e o Destino. À partida a diferença parece clara, objetiva e até básica, mas seria tão linear assim esta diferença.

Falamos das quedas de água de *Xuen*. Bem no coração de *Geray*, ergue-se uma enorme fenda com mais de 200 metros, por onde descem de forma vertiginosa as águas do Rio do Caldeirão Nascente. Nas quedas de água de *Xuen* os Aprendizes são desafiados a descobrir se as escolhas que efetuaram são de facto o seu destino. São colocados perante a pergunta: *O teu destino trouxe-te até aqui. Continua a ser este o teu destino?*

Perante a dúvida, o Aprendiz então escolhe se prefere subir ou descer a queda de água sem o apoio de qualquer instrumento. A subida é vagarosa e exigente. A pressão da água nas costas e cara pode ser impossível de aguentar e por vezes o Aprendiz acaba por ceder e cair, pondo em risco a sua vida. A descida é vertiginosa. O Aprendiz tem segundos para escolher o ângulo certo para o mergulho para o precipício. Um salto mal calculado para o abismo pode significar o último momento de vida.

Embora todos os Aprendizes soubessem da existência de *Xuen* e o ensinamento que pretendia transmitir, nunca ninguém conheceu alguém que tivesse completado a prova ou mesmo o que significava a escolha de escolher subir ou descer a tenebrosa queda de água.

Era o dia de *Yber*, *Juny* e *Tartarus* testarem a sua sapiência. *Yber* era sobretudo instintivo. Leal e astuto era ao mesmo tempo extremamente indeciso sobre pressão. *Tartarus* era uma líder e muito incisiva, mas baqueava na altura de ter de engendrar um plano. Por fim, *Juny*, mais nova dos três, era a mais pura e comunicativa. Na hora da decisão o coração falava sempre mais alto.

Pusemo-nos a caminho de *Xuen*. Era meio dia de caminho por entre trilhos escondidos e subidas assombrosas. Paramos para comer no sopé de uma colina e após algum descanso seguimos caminho. Por fim chegávamos à imponente *Xuen*.

Tartarus e *Yber* eram meus Aprendizes. *Juny* era Aprendiz de *Lyn*. Era a hora da verdade. Por muito treino físico, mental e espiritual que tivessem, nenhum deles havia treinado para aquele momento. Foram então colocados perante a questão: *O teu destino trouxe-te até aqui. Continua a ser este o teu destino?*

Yber respondeu: - Mestre devo responder à pergunta ou escolher qual das tarefas devo efetuar?

Ninguém lhe respondeu. Perante o silêncio, *Tartarus* decide agir e escolhe o mergulho no abismo. *Juny*, perante o silêncio dos Mestres e a decisão do instante de *Tartarus*, olha em pânico para a sua Mestre, mas em resposta obteve mais silêncio. *Yber*, inspirado por *Tartarus*, decide escalar a queda de água. Faltava *Juny*, a menos apta de todos em termos físicos. *Tartarus* mede o impacto do mergulho, mas prefere confiar nos seus sentidos. Fecha os olhos, controla a respiração, funde-se com os elementos e deixa-se levar pela velocidade alucinante da água até ao mergulho final nas profundezas do Lago de *Xuen*. Por sua vez, *Yber* encontra uma espécie de túnel entre as saliências da rocha atrás da queda de água e, confiando no seu instinto, eleva-se rocha acima aproveitando todos os pontos secos ou menos húmidos para evitar a queda no abismo. Já a meio do caminho, não há mais túnel improvisado e é impossível ver qualquer tipo de passagem, a água e a sua torrente interminável não o permitiam. Tinha duas hipóteses, confiar nos seus sentidos e tentar uma escalada suicida ou desistir mergulhando nas águas de *Xuen*. Após quatro tentativas, acabou por ceder e deixar-se levar de volta às águas superficiais de *Xuen*. *Juny* paralisou, ajoelhou-se perante a sua Mestre e pediu perdão pelo seu fracasso.

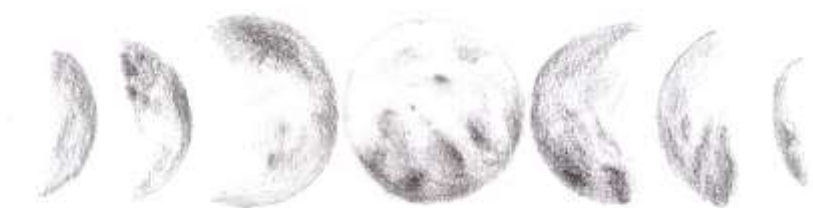
Nesta altura, tanto eu como *Lyn* retiramo-nos. Tínhamos convidado *Mizegui* para nos auxiliar nesta prova. Dos atuais Mestres, era o que mais Aprendizes havia levado a *Xuen* e o mais sábio nas suas avaliações. Pelo menos era o que achávamos.

Mizegui voltou a perguntar: - O teu destino trouxe-te até aqui. Continua a ser este o teu destino?

Tartarus, meio confusa respondeu: - Tenho muita dificuldade em acreditar no destino. Estou aqui quase por coincidência, mas hoje, se este era o meu destino, é porque quero.

Entretanto, *Mizegui* virou o seu olhar em direção a *Yber*. Este tenso, lá responde: - Não sei bem o que dizer Mestre. Não sei se a escolha que fiz era a correta, mas garanto-lhe que foi inteiramente minha. E acho que se estou aqui, este continua a ser o meu destino. Mas estou confuso Mestre.

Por fim chegava novamente a vez de *Juny*. *Juny*, sem grandes divagações, desta vez foi direta ao assunto: - Não vou mentir. Fui fraca. Foi minha escolha estar aqui, mas não era a minha escolha paralisar. Agora Mestre, não sei se é destino ou maldição, o que aconteceu foi o que aconteceu.



Mizegui sorriu para os três e disse:

Na Ordem dos Cavaleiros do Poder não acreditamos em destino. Aliás o destino é só uma desculpa para não nos sentirmos banais e escondermos a nossa culpa, a nossa inação. Na Ordem acreditamos em Liberdade, na capacidade de cada um com os seus defeitos, qualidades e ofícios ser capaz de escolher em cada momento com quem quer estar, como quer estar e onde quer estar. O caminho da Redenção, da vossa Redenção é o caminho da vossa Liberdade e não o destino vazio.

Texto da autoria de Abraão Costa

PERDIDOS E ACHADOS – PARTE III

Na vida de um Cavaleiro do Poder habituamo-nos a perder e ganhar. Há uma altura em que já nem sabemos muito bem qual a diferença entre os dois mundos. Há derrotas que nos levam a conquistas maiores, pelas Aprendizagens que nos permitem e vitórias que se limitam a adiar o inevitável. Mas mais que as derrotas e vitórias no campo de batalha, o que mais custa são os amigos, parceiros, cúmplices e confidentes que somos obrigados a ver partir ou de quem perdemos o rasto. A velocidade a que passam na nossa vida levam a que ao fim de algumas épocas anuais nos resguardemos cada vez mais ao ponto de nos mecanizarmos, só para disfarçar o sofrimento que não queremos admitir. Felizmente, para a maior de nós, nem há tempo para respirar, e assim o luto acaba por nem existir e o sentimento de perda acaba por ficar amordaçado.

São colocadas centenas, milhares de pessoas no nosso caminho, são dezenas os refúgios e territórios que abraçamos, são imensas e incontáveis as vidas que vivemos. Ao fim da jornada parece que só temos tempo para a nossa solidão.

Por estes dias em *Geray*, fui visitar o Mestre *Viare Ferdi* pouco antes de regressar a casa. Amigo de longa data, *Viare* havia abandonado a sua jornada como Mestre Cavaleiro do Poder. Sem pôr em causa a sua alma de viajante, dedicava os seus dias à gestão do Templo do Refúgio dos Nobres de Outrora. Este era um Templo onde todos os Cavaleiros recorriam quando queriam voltar a encontrar alguém, contactar um antepassado em busca de aconselhamento espiritual ou saber informação sobre o paradeiro de alguém importante das suas relações. Só os Mestres Aprendizes podiam recorrer ao Templo e apenas para questões pessoais. Estavam proibidos de recorrer ao Templo como auxílio às suas missões. Era uma espécie de último privilégio que nos era dado, já que abdicávamos da maior parte da nossa vida pessoal, fruto das nossas responsabilidades e tarefas.

No centro do Templo ficava o Espelho de Água dos Nobres de Outrora, onde através da meditação guiada por Mestre *Viare* tentávamos descobrir as respostas que procurávamos.

Fui sozinho e ao contrário do que possam pensar não fui à procura de nenhuma resposta. O meu objetivo era simples, rever *Viare* e recordar as nossas aventuras.

À entrada do Templo fui recebido por um dos ajudantes templários de *Viare* que me levou até ele. Qual não foi a minha surpresa quando o avistei com *Monterius*, minha antiga Aprendiz e agora Mestre Aprendiz.

Sentamo-nos os três à volta de uma imponente mesa redonda em carvalho maciço com a companhia de hidromel. A conversa acabaria por ir de encontro ao motivo porque nos encontrávamos ali. O meu era claro, o de *Viare*, o de sempre, o de *Monterius*, mais nebuloso, acabou por surgir. De uma forma ou de outra todos recorremos ao Espelho de Água dos Nobres de Outrora para procurar algo ou alguém que de alguma forma achamos que vai preencher um vazio qualquer que o tempo se encarregou de destapar. *Monterius* nunca revelou de quem veio à procura ou do que veio à procura, mas questionou-me:

- Nunca te questionaste porque é que algumas pessoas partiram sem deixar rasto? Nunca te penitenciaste pelo amigo de sempre que um dia passa no teu caminho e finge que não te conhece? Nunca te perguntaste porque o tempo não permitiu que continuasses a jornada junto daqueles porque quem te apaixonaste? Nunca quiseste voltar a encontrar quem ficou perdido?

- Milhares de vezes, minha boa amiga, milhares de vezes. – Respondi. - E vou continuar a perguntar. ***Mas ao fim de tantas épocas anuais aprendi que entre perdidos e achados, só encontramos realmente quem nunca perdemos. O tempo e a distância podem ser detalhes dolorosos, mas o caminho continua a ser mais importante do que o fim a que ele nos leva. É como o caminho de hoje, levou-me a que te voltasse a encontrar. Eu acredito na generosidade do Universo e confio, que por cada caminho que eu ajudar a abrir, outros se abrirão e o meu será um deles. E mesmo que no fim não sobre caminho algum, saberei sempre que este era o caminho que eu havia escolhido.***

Texto da autoria de Abraão Costa

A DECISÃO DA SOLIDÃO

Cedo percebemos que estarmos com nós próprios pode ser um desafio irritante, chato, e até perturbante. A esse momento chamo solidão. Estamos sós de muitas formas. No meio da multidão, assombrados pela quantidade, ou nas paredes do quarto onde dormimos todas as noites. Aqui por terras vermelhas do Oriente, no meio da diferença completa não me sinto só. Sinto-me a sós, uma paz estranha e que deixa o tempo vencer-se a si mesmo.

A delicadeza e alegria com que somos tratados, a calma dos mais velhos e sábios em estar perante os acontecimentos como eles são. A sobriedade dos templos e as palavras que nunca entenderei, lembram-me a desorientação dos dias e a voz interior que deixamos de ouvir só porque temos medo de estar sós. Esta solidão aparente é reconfortante, é estranhamente reconciliadora e lembram-me que se não conseguimos estar sós, também dificilmente estaremos a par.

Afinal o que pode ser pior do que termos medos de nós próprios? No momento da verdade a decisão será sempre a sós. Nós e a nossa consciência.

Texto da autoria de Abraão Costa

MEDO DO PODER

O Hinduísmo ensina-nos que cada acontecimento não é um facto isolado, mas sim uma reação em cadeia. Cada palavra que dizemos, cada interação com outra pessoa, cada pequena escolha, nada passa sem causar um efeito, que por sua vez será a causa de outro efeito... E assim conseqüentemente, no chamado Efeito Borboleta.

Segundo os ensinamentos hinduístas, o universo possui uma mecânica de interconexão, onde todas as partes estão intimamente relacionadas entre si. Para explicar este princípio existe uma metáfora apelidada de "A Teia de Indra".

Francis Harold Cook descreve a metáfora, também conhecida como "A Rede de Indra", da seguinte forma: "Muito além na abóbada celeste do grande deus Indra existe uma maravilhosa teia, pendurada por um habilidoso artesão de tal forma que se estende infinitamente em todas as direções. De acordo com o gosto extravagante das divindades, o artesão pendurou uma joia reluzente em cada "olho" da teia, e, assim como a teia é infinita na sua dimensão, as joias são infinitas no seu número. Assim ficam penduradas, reluzindo como "estrelas" de primeira magnitude, uma visão deslumbrante para se admirar. Se agora selecionarmos qualquer uma dessas joias e a examinarmos de perto, descobriremos que em cada face polida estão refletidas "todas" as outras joias da rede, infinitas em número. Para além disso, cada uma das joias refletidas nesta joia também reflete todas as outras joias, o que faz com que exista um processo infinito de reflexos."

Este é o poder de Angkor e dos seus Templos. São centenas, permitindo ao viajante escolher o seu próprio caminho, encontrando para si mesmo o momento, que em paz, se permite descobrir como Angkor foi possível. Angkor junta o Budismo e o Hinduísmo numa conexão perfeita. Na realidade ocidental estaríamos a falar de Jerusalém como a casa de todas as religiões. Angkor, mais que casa é um refúgio intemporal. Angkor é única porque uniu uma religião monoteísta (Budismo) a uma religião politeísta (Hinduísmo), realidade diferente de Jerusalém, que une muçulmanos, cristãos e judeus, todas elas religiões monoteístas.

Angkor faz-nos voltar a perceber que todos somos um, que todos somos

Tempo

A Jornada do Cavaleiro - Diários do Aprendiz

responsáveis por todos, incluindo as vitórias e derrotas que isso nos trará. ***Hoje percebo que o melhor tributo que posso prestar a Angkor é voltar a casa e no meu trabalho, no amor, na família e com os amigos "fazer o melhor que posso e sei com o tempo e recursos que tenho..."***.

Percebo e relembro, que não há que ter medo do nosso poder, que não há que deixar de fazer caminho, que, mesmo duvidando, não há que paralisar. Porque existem mesmo dias em que tudo pode e deve mudar.



DÚVIDA

Há muito tempo atrás, havia uma aldeia chamada *Amarlin*, toda ela rodeada de altas montanhas que se enchiam de flores amarelas na altura da primavera. Ali, habitava uma população cuja característica idêntica a todos era a marca com a qual nasciam. Nas costas, tinham um sinal em forma de flor.

O seu alimento e sustento era o trabalho árduo do campo. Para além dessa aldeia, para além dessa população, só havia uma coisa: o desconhecido. A dúvida. A dúvida estava presente todos os dias na cabeça daquelas pessoas, que se questionavam o que havia para além daquelas montanhas. No meio da conformidade, das rotinas e do trabalho árduo, existia alguém diferente de todos. Não passava despercebida, a pequena rapariga que nasceu diferente: em vez de uma flor, tinha uma borboleta. Ora, pelo desconhecido muitos fugiam dela, e ela por se ter habituado, fugia das pessoas que quase sempre a olhavam de lado.

Jovem, aventureira, irrequieta, que por necessidade de fuga aos outros percorria as subidas das montanhas à procura da sua paz e do seu refúgio simbólico. Todos os dias, avançava mais um pouco no seu caminho. Ao percorrer o desconhecido, sentia-se muitas vezes com receio do que poderia ver à sua frente, por causa de todas as histórias que já tinha ouvido.

Um dia, por mais um trilho desconhecido, deu por si num povoado completamente desconhecido, mas das dúvidas do momento começaram a surgir as respostas. Foi conhecendo a misteriosa aldeia para além das altas montanhas. Ali, percebeu que todos tinham a sua marca e eram, como por encantamento, como ela. Sabia finalmente que estava no sítio certo, rodeada por aqueles que a entendem.

É sábio termos dúvidas. Só dessa forma seremos capazes de encontrar a força para sonhar novas certezas que te levarão a novas dúvidas. No fim, estas permitirão perceber o quanto não estás sozinha.

A LAGOA DE FOGO

Todos nós desenhamos mentalmente o desafio maior que nos há de surgir e desafiar para todo o sempre. Ensinarão-me que depois do grande desafio que o mundo nos guardou só nos restam dois caminhos, ou encontramos a próxima montanha que devemos escalar ou perdemos a vontade de viver. Nesta viagem, a Lagoa mostrou-me onde naquele momento eu pertencia e deveria estar. Vi-me e amei-me mesmo com todos os erros que tinha cometido e iria cometer. Foi como voltar ao início de tudo, ao início do início quando amamos sem saber amar, quando sentimos sem perceber o que é sentir, quando nos escolhemos sem nunca termos escolhido. Depois de acordar do meu transe, a realidade caiu sobre mim e o verdadeiro desafio apareceu claro à minha frente. A descida à Lagoa era fácil.

Foi nesse momento que desliguei. Via a outra dimensão que havia evitado durante tanto tempo. Vi a montanha de que fugi a minha vida toda. Finalmente vi-me em combate real, a montanha que se erguia agora à minha frente. O fundo tornou-se numa escada impossível de escalar. E o momento de decidir chegou, o tal caminho que eu deveria escolher. E então decidi, comecei a escalar a minha montanha. Quando chegar ao fim espero encontrar-vos.

A DIFERENÇA

Já alguma vez sentiram que não se encaixam? Nunca se sentiram diferentes, à parte, como se viessem de outro planeta, de outro mundo, de outro reino? Eu já. Descobri o mundo da magia quando achava que tinha tudo. Aí



percebi que o meu chão não era plano. A minha vida era perfeita, mas sem essência. Nunca me senti como sendo uma pessoa “normal”. Algo em mim me dizia que os meus olhos viam mais do que aquilo que estava ao meu alcance.

Em vez de pessoas, via auras, energias. Em vez de palavras, via sentimentos. Descobrir o caminho simbólico, foi apenas a confirmação do que já há muito os meus sonhos me diziam. Foi aí que descobri “Eu sou diferente, porque eu tenho a capacidade da mudança”. Mas este

caminho era bloqueado por muros. Era um caminho de dúvidas, incertezas e medos. As pessoas à minha volta, principalmente a minha família, não percebiam o que era isto de “Simbologia”. Perguntavam elas: “Simbologia grupal”? “Reflexões”? “Símbolos”? “Sou o que sou, por causa daquilo que toda a gente é”? Achavam que estas ideias eram tudo produto de uma esquizofrenia de uns poucos que achavam ter encontrado a sabedoria maior. Embora ninguém percebesse,

Tempo

A Jornada do Cavaleiro - Diários do Aprendiz

embora as minhas dúvidas não se apagassem, algo me dizia que aquele era o caminho.

Eu tinha que descobrir quem era. Aquele era o sinal que os meus antepassados me haviam enviado. Apesar de todos os obstáculos, apesar de os meus pais não perceberem, de achar que isto era uma perda de tempo, eu não desisti. Lutei e hoje sou o que sou, não por causa daquilo que os outros são, mas por causa do que eu queria ser.

E agora pergunto: ***no mundo dos homens comuns, na vida das pessoas banais, como é que chegamos a este mundo simbólico? Como é que sabemos o que é normal e o que não é?*** Eu descobri que não sou, e não podia estar mais feliz.

DIÁRIOS DO VIETNAME E CAMBOJA

Capítulo da autoria de Abraão Costa, Patrícia Ribeiro e Sofia Ferreira

DIÁRIOS DO VIETNAME – PARTE I

Ir para a Guerra pode ser encarado como um ato heroico, algo destinado aos grandes guerreiros que de forma descomplexada e despojada dão a vida por algo maior que eles mesmos num ato de fé difícil de compreender. Mas a realidade dos números e dos atos pode ser completamente diferente. Ao conhecer a realidade da Guerra do Vietname, mais do que os números, impressionam as atrocidades cometidas. Mas o que realmente me faz pensar que a Guerra é sempre a última das vias, é o facto de perceber que por vezes "é tudo porque um louco se lembrou" e com isso morreram milhões. Das últimas Guerras iniciadas pelos Estados Unidos, lembro-me de pelo menos três que foram iniciadas "só porque sim", com uma desculpa que "não lembra ao mais criativo dos poetas".

A Guerra da Jugoslávia foi criada com o falso pretexto de proteger o povo Kosovar; a Guerra no Iraque foi iniciada para acabar com as armas de destruição maciça que nunca existiram e a Guerra do Vietname foi iniciada porque um barco americano foi atacado por lanchas militares vietnamitas em águas internacionais, facto que se veio a provar uma fraude e serviu de desculpa à invasão americana. Fim de história, mais de três milhões e meio de mortes e consequências noutros tantos milhões que duram até hoje.

O mundo pode estar na mão de loucos e cabe a cada um de nós fazer parte do "equilíbrio" que o mundo precisa. No futuro, todos podem e deverão ter direito a um trabalho, todos podem e deverão ter direito a escolher fazer escolhas, mas sempre na consciência de que tem de chegar para todos, o que implica abdicarmos de parte.

A mim não me custa abdicar de parte porque a parcela que me interessa está nas pessoas de quem gosto e no que posso construir com elas. Até que ponto estamos dispostos a procurar o equilíbrio, pondo de parte o acessório e a loucura de o ter? Até que ponto temos consciência de que este mundo nunca foi nosso, mas pode ser de todos?

MEMÓRIAS DAQUELES INSTANTES

Levantar voo e voar consegue ser fácil e difícil ao mesmo tempo, consegue consumir-nos e recriar-nos em simples instantes. E assim foi a minha aterragem em Hanoi. A grande e poderosa cidade que se via ao longe durante a viagem de partida, conseguia entre nuvens e poeiras contemplar ao longe um fragmento de história que naquele momento ainda estaria por começar. Em pouco tempo estou rodeada de mais de 8 milhões de vidas que seguem e perseguem o frenético sonho de viver. Desencontrada de uma realidade iminente perdida da verdade que julgava ser minha, colido com a altura dos prédios em redor, das estruturas que abafam o ar que aqueles milhões todos os dias respiram. Mas no meio de tanta magnitude de cimento e alcatrão encontram-se lugares mágicos, lugares que nos transportam bem do coração da cidade para a paz e tranquilidade de uma verdadeira essência da vida: “viver com aquilo que temos e não com a aquilo que queremos”.



Aqui, como nunca, recebi das mãos de quem menos esperava a importância de um templo, de um museu, de uma restauração da história que outrora nos levou aquilo que hoje somos. Um templo não é só um lugar de culto, de reza, de orações e pedidos, é muito mais, é a nossa casa que se diz forte o suficiente para nos segurar todos os dias em que partimos e voltamos física e espiritualmente.

E com esta inspiração eu voltei a ir, voltei a partir no cruzeiro que se avistava perdido nas profundezas da lagoa desconhecida onde dormem os poderosos dragões e as malditas serpentes. Quando acordei em Halong Bay, pela janela via nada mais que pequenas montanhas que me rodeavam, mal eu sabia o menosprezo injusto que lhe atribuí naquele instante. Quando finalmente me predisponho a aceitar um patamar superior de consciência, aí sim, aí alcanço a real responsabilidade de sentir e conviver com os dragões e serpentes que não só dormem, mas também cuidam aquele lugar. Cuidam das pequenas grandes montanhas que concedem um estatuto único da herança que todos nós recebemos quando nascemos. O que mal eu julguei de bem, eu recebi das vozes silenciosas de que fugia muitas vezes sem ouvir o que diziam. ***Agora anseio por ouvir mais vezes a música de uma lagoa sem fim que exhibe naturalmente a beleza eterna das portas para o paraíso.***

PARA QUE NADA SEJA EM VÃO

No final de cada viagem, física ou espiritual é suposto a aquisição de aprendizagens, desafios, objetivos, metas, etc. Mas isto só é possível através de uma entrega cega que se esquece completamente da rotina depressiva a que na nossa zona de conforto abandonamos a sorte que nos acompanha. Quando cheguei a Siem Riep pensei, senti e esperei ver o mesmo e um pouco mais do que já tinha testemunhado na minha história. Mas desenganam-se porque também eu me desiludi comigo mesma. Naquele lugar em específico não senti mais do que a dormência a apoderar-se de mim, apoderar-se dos meus mais básicos sentidos e do meu suposto conforto. Este desfecho de viagem acontece em angústia, mas concentrado no essencial.

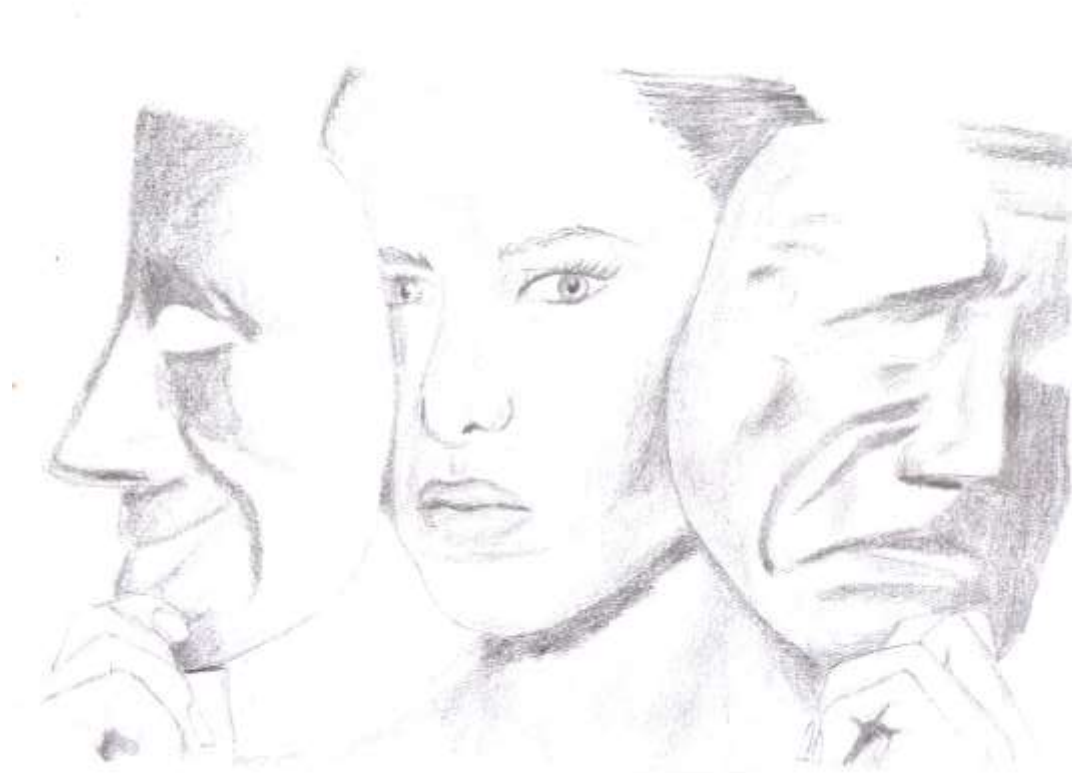
E cada rosto que vejo está marcado pela sinceridade que é sobreviver dos restos de uma metade do planeta em crise existencial. Assumo para mim que está na hora de me encolher, e quando o faço, assim que me permito ver aquilo que presencio, sinto a vergonha que é ser parte da maior crise dos tempos, ser humana. Percorri as ruas e as vielas sentada confortavelmente num meio de transporte que para alguém é o seu sustento. Percorri o lago escavado pelos anos de supervivência de um povo que vive em cima de água. Barcos que são casas, casas que são barcos, escolas que flutuam, mercados recheados de iguarias atípicas bem no meio de uma cidade que se alimenta, que descansa e que vive em cima de água viajando como nómadas pelas melhores zonas do lago consoante as suas épocas. Uma cidade flutuante que atinge silenciosamente aquela voz interior que agora se calou num silêncio que repete sempre a mesma frase: “tenho tudo e não sei, tenho tudo e não aproveito nada, tenho tudo e não vivo nada, fico-me pelo descontentamento de me poder penitenciar pelo arrastar dos tempos!”. Quando se regressa à terra tudo ganha um significado diferente, tudo ganha uma perspetiva, mesmo quando antes não havia nenhuma.

Para concluir a viagem, vamos para Angkor Wat a maior herança mundial, mas também a mais esquecida, onde acima dos deslumbres, estão os povos que ali coabitaram durante milhares de anos. Os templos são arrepiantes na sua dimensão, constatando para mim que tal envergadura não poderia ter sido construída apenas por meros humanos, mas sim por super-humanos. Aqui dei

Tempo

A Jornada do Cavaleiro - Diários do Aprendiz

por mim a descobrir que é possível ter paz entre povos, religiões, crenças e costumes algo que nem nos dias de hoje nós, humanos, conseguimos fazer. Apesar da contemplação, da gratidão que foi ver tais Templos, a melhor parte foi senti-los e deixa-los arrebataram-me pelo poder de finalmente aprender a minha lição com esta viagem: ***todos temos obrigação de fazer melhor, sentir***



mais e falhar menos para que nada seja em vão.

REFLEXÕES

A FRAGA

Sabem quando estamos no topo de um penhasco, bem na beira do abismo e sentimos aquela calma, aquele refúgio, aquela vontade de apenas dar mais um passo? Pois é, eu também não sinto isso, eu realmente vou até à minha fraga, eu realmente chego-me bem perto dela e levanto a cabeça só para observar toda a beleza a que todos os dias fechamos os olhos, e levanto a cabeça só para observar um mundo simbólico que todos os dias eu escolho percorrer sem nunca fechar os olhos. E só assim eu mergulho neste lago profundo de pedras que me fazem flutuar na imensidão que me encaminha para a minha paz.

CALCULAR O ESSENCIAL

Em Regoufe existem umas minas completamente abandonadas ao desgaste do tempo em que homem lá esteve e se alimentou livremente sem nunca pedir a ninguém. Presa nem dentro nem fora das minas ainda por explorar, sinto-me perdida, sinto-me exausta desta inexistência histórica que me abandona e preenche ao mesmo tempo.

Procuro uma saída, sem saber o caminho, apenas caminho na esperança de encontrar o que procuro. E continuo, mesmo que não faça sentido, e quanto mais procuro, mais percebo; o essencial é uma conta simples de se fazer. E continuo a caminhar até que finalmente descubro, o essencial é encontrar-me a mim.

PAZ INTERIOR

Sempre que saio da minha zona de conforto e experimento novas formas de ver o mundo sinto uma inexplicável forma de paz comigo mesma. Isso acontece porque no momento em que tentamos realmente viver e pensar de uma forma diferente do usual vamos conseguir perceber novas formas de ver o mundo.

Consequentemente vamos conseguir aceitar novas perspectivas e isso vai dar-nos paz. Já não nos vamos sentir tão fechados ou quadrados em relação a uma série incontável de situações, vamos simplesmente aceitar, mesmo não concordando.

Então, naquele momento, sentada numa das escadas da pirâmide mais alta de Tikal, eu senti paz. Senti paz comigo mesma e paz com o mundo.



LIVRE

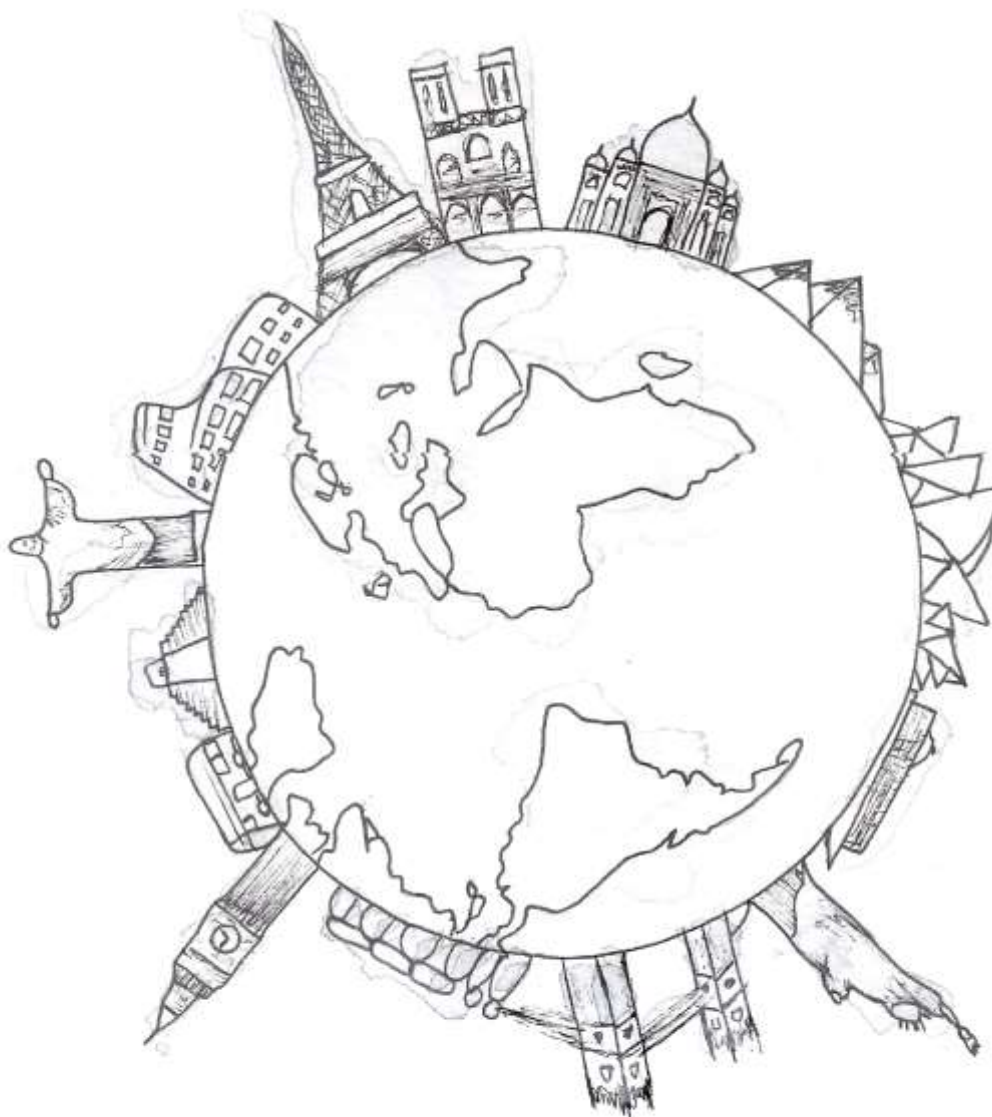
Quando cheguei, sentei-me no chão, inspirei fundo e fechei os olhos. E então fugi. Fugi desta realidade que muitas vezes me revolta o coração e fui para o único sítio onde me sinto livre. Senti a terra húmida, onde uma raiz começou a crescer. Se estas raízes falassem, contavam a história das árvores, que contam as histórias da vida e do mundo.

Olhei para cima e vi cada galho desta árvore, novos e velhos, fortes e fracos. A esta árvore juntaram-se outras e quando olhei com atenção era tal a pintura no céu.

Num ramo estava um ninho e nele um pássaro jovem começou a aproximar-se do fim, inspirei fundo e vi-o a deixar-se cair. O chão parecia cada vez mais próximo, quando de repente bateu uma asa e a seguir a outra, ganhou força e conseguiu finalmente subir. E voou, voou e viu pela primeira vez o mundo. Esse pássaro era eu, livre.

A VIAGEM DE SEMPRE

Uma viagem não tem que ser longa nem curta, nem tão pouco tem de ser para os confins do mundo para ser a mais importante de todas as viagens. Aquela que fazemos como rotina, que repetimos todos os meses, todas as semanas foi para mim a melhor viagem que podia fazer.



Toda a semana esperava ansiosamente pelo fim de semana só para poder finalmente estar contigo naquele único lugar que na minha memória ainda

Tempo

A Jornada do Cavaleiro - Diários do Aprendiz

continua tão vivido como nunca foi. Aquele parque de campismo que todos os anos organizava as mesmas atividades, aqueles vizinhos que estavam sempre a ver o que fazíamos ou até mesmo os visitantes que já havíamos decorado qual a sua época de chegada, sempre foi o lugar para onde fugi e onde me encontrei depois de me ter perdido.

Aquele é o lugar onde a minha praia é tão perto que nem sei se alguma vez saí de lá. E hoje, a viagem que outrora foi uma rotina tornou-se numa oportunidade, na oportunidade de ser aquilo que mais ninguém pode ser por mim, feliz.

A MURALHA

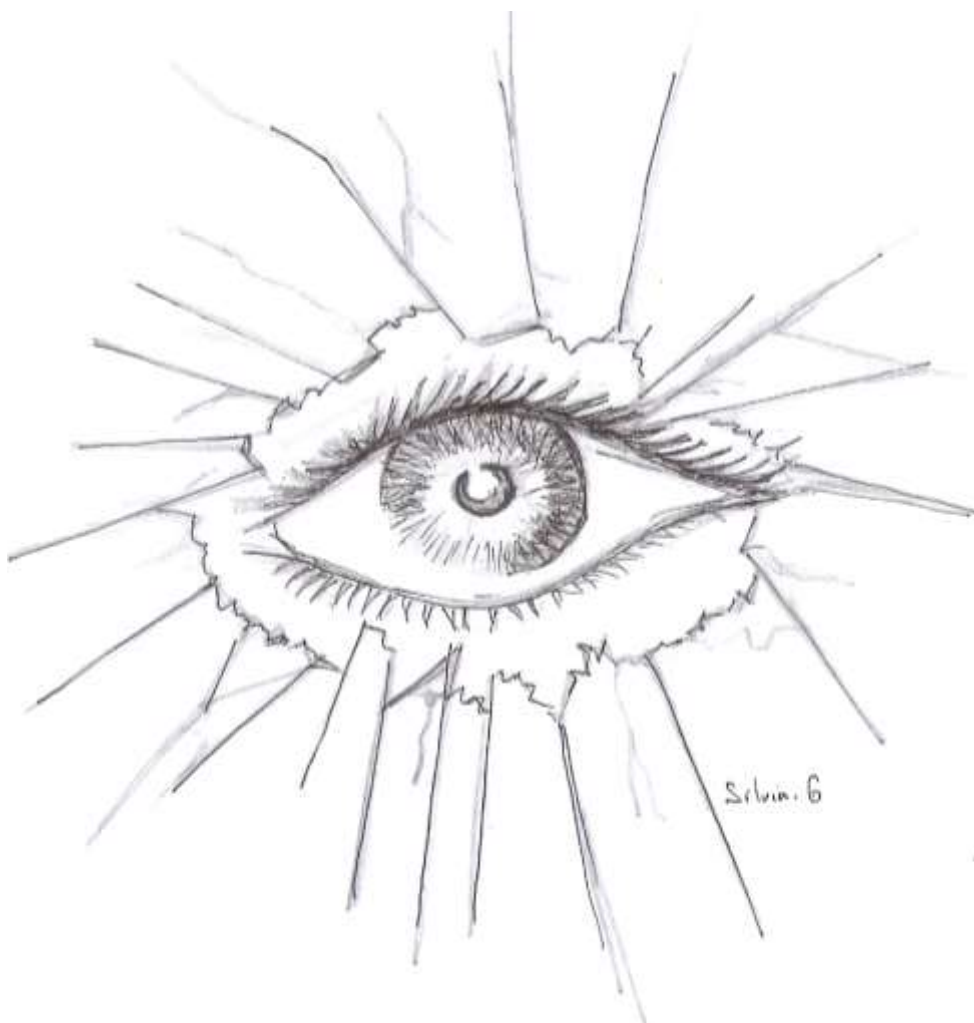
Sabem porque é que foi construída a muralha da China? Durante anos e anos construíram e fortificaram um muro tão grande, capaz de proteger todos os estados e impérios chineses das ameaças do exterior. Mas sabiam que estas ameaças não eram iminentes? Esta muralha foi construída para ameaças que pudessem surgir no futuro. Eu escolhi fazer esta viagem porque vi que em mim, também eu tinha construído uma muralha à minha volta. Decidi que certas ameaças deviam ser paradas no meu muro. Decidi que esta muralha, deveria separar a minha irracionalidade da minha racionalidade. E por isso decidi defender-me sempre e para sempre de qualquer sentimento que a humanidade me pudesse trazer.

Hoje, sinto-me vazia, sinto-me fria e só. Mas hoje, ao caminhar nesta muralha sem fim, também descobri que ela perdeu a sua função, estrategicamente já não serve para nada e nem há capacidade para reconstruir todas falhas que existem. E dou por mim a pensar, que se calhar devia deixar cair o meu muro e ser humana também.

A MAGIA DAS COISAS

Encanto-me facilmente com a magia das coisas. Este caminho que faço, várias vezes, vezes sem conta, encanta-me pelas paisagens, pelas pessoas que vejo, embora disformes, pelo cheiro da natureza, pelas histórias que são contadas em cada pedra, em cada árvore.

Esta viagem marca-me sempre pelas aprendizagens que faço a cada dia, pelas batalhas que seriam vencidas e outras em que o meu corpo se deixaria vencer. Mais encantada fico quando sempre que a faço chego ao final do caminho, mas não consigo ver o seu fim. E faço este caminho, vezes sem conta, sempre com a pressa de chegar à minha casa, sim este caminho é a minha casa. Até que finalmente acordo e vejo que este caminho é apenas a magia dos meus sonhos.



A MAGIA DAS LENDAS

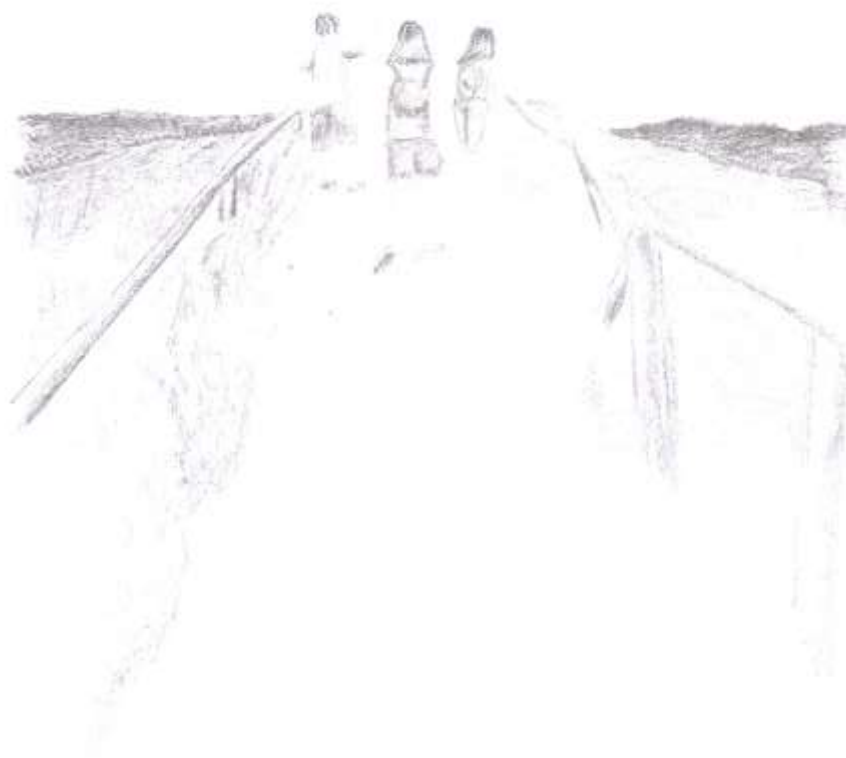
Cruzando os céus de leste a oeste, de norte a sul
A alma percorre caminhos por entre as sombras da Lua
Onde espíritos da noite, envoltos pela névoa de prata
Brindam o entardecer na densidade do tempo que recua.

Revelações escondidas, abaixo e acima das emoções
Nos mitos que vão muito além das espirais do saber
Nesta dança frenética sem fim, envolvente e sedutora
Refletem belas formas que começam a desaparecer

Seguem adiante e mergulham nesse mais belo azul
Para despertar nas terras da aurora prometida
Raízes ancestrais que circulam por entre os mundos
Resgatando a magia das lendas, outrora perdida.

CAMINHAS COMIGO?

Sabem qual é a sensação de solidão? A sensação de um vazio completo e imenso? É uma sensação que nos leva diretamente à nossa autodestruição. Caminhamos sem rumo, nem ninguém ao nosso lado, sozinhos, e completamente cheios, cheios de nada. É preciso superar os obstáculos, superar-nos, encontrar-nos, perder o medo de percebermos quem realmente somos, perder o medo de falhar, de desiludir, de desistir, porque no fim a única coisa de que vamos realmente desistir vai ser de nós mesmos, ou se calhar, aquilo que ainda restar de nós. E por uma única vez na vida tentar encontrar o equilíbrio. Eu quero avançar, avançar rumo à minha paz interior. Mas estou cansada, sem força de vontade. Eu preciso de alguém! Caminhas comigo?



CONTINUAR CAMINHO

No final do dia percebemos que tudo se resume ao poder de decidir e aceitar decidir. Ter fé em nós e nas nossas capacidades para que possamos continuar a nossa caminhada sem ficar na expectativa de arriscar mais um passo, pois esse passo não é só nosso, é também daqueles que nos acompanham, que nos guiam e que vão conosco lado a lado. Esses, são o nosso reflexo que multiplica.

Olhei-te e vi-me a continuar o caminho... e assim vi-nos a caminhar.

UMA OUTRA ERA

Capítulo da autoria de Joana Ribeiro

ESTRELAS

Todas as noites vai à janela. O vidro continua sujo, principalmente nos cantos. Nunca o limpou. Diz que faz parte da paisagem.

Por entre os dois vidros embaciados, já perros quando se abrem, viam-se as luzes da noite, no escuro da solidão. Parecia que piscavam, dizia. Com os restos de luz a escapar pelos lados, como manchas no espaço. Fazia-o todas as noites. Encostado na beira da janela. Pequena, sempre a escorregar. Suficiente, dizia. Era magia, era mágico. Era inalcançável para a maioria. Mas era muito claro para ele. Simples. Inocente. Harmónico. Padrões infinitos. Entretenimento para uma vida. Por vezes com nuvens, por vezes chuva. Sempre diferente. Sempre especial. Independente do clima. Independente do stress. Independente de todos. Do resto do mundo. Sempre lá mesmo que ele não as fosse ver. Mesmo que as nuvens as escondessem da vista humana. Às vezes de uma manta acompanhado, quando a temperatura aperta os poros da pele.

E as gotas começam a escorrer pelos vidros. Marcas compridas por entre o embaciado da janela que fazem labirintos de paisagem mais ou menos visíveis. E elas continuam a brilhar, ainda alvos do olhar fixante do indivíduo, como se se entendessem. Como se falassem a mesma língua. E comunicavam. Ali mesmo. Todas as noites. Como amigos de longa data.

E ninguém o entendia. Alguns tentavam. Mas a explicação estava dentro de um armário bem fechado. Apenas podia ser aberto por eles mesmos. Naquela intimidade separada por um vidro e milhares de quilómetros. Quilómetros que não o impediam de continuar com a sua dita rotina. Todos os dias. Por escolha própria. Longe da compreensão de tudo e todos.

Era um abrigo. Um refúgio. Aquele silêncio. Não constrangedor. Não incomodava. Era reconfortante. Era fonte de pensamentos. Fonte de dúvidas. De soluções. Mas nunca negativo. Sempre parte do melhor de cada dia.



Era várias vezes questionado. "Porquê gastar assim o teu tempo?" "Isso é algo sem sentido!" "Estás doente!"

E sorria. Independentemente do que lhe fosse dito. Eram apenas almas perdidas, pouco ligadas ao mais humilde, certo? Não julgava ninguém. Não acusava ninguém. Era honesto. Era feliz.

E mais uma noite chuvosa. Mais umas quantas horas naquela "suficientemente grande" beirinha da janela. A madeira já estalava. Devia ser da humidade. A persiana nunca estava fechada. Era o isolamento do mundo, dizia.

Começava sempre com: uma, duas, três, quatro, [...] trinta e cinco, trinta e seis, [...] e outra, e outra, e outra, ou, ou [...] até que o cansaço se tornava mais forte do que a vontade de contar estrelas. Um esforço maior nos dias com nuvens. Acompanhado do conhecimento daquele céu, que já abrangia os padrões e as horas de cada pequena luzinha cintilante.

Mas porquê? A pergunta que já estava gravada naquele disco desde que começara. Tinha uma explicação muito simples. Não resolvia, no entanto. Era também bloqueada no caminho até compreensão dos que rodeavam o seu dia-a-dia. Uma declaração muito interessante. Soava sempre de maneira diferente. Não importava as vezes que fosse dita. Naquela janela, de vidros embaciados, repetia, junto com o som da chuva: - Todas as noites as estrelas me lembram que é aceitável deitar-me tarde com elas - Sorrindo, com um enorme brilho nos olhos o dizia.

CONFORTO

Seis folhas. Agrupadas como um pequeno bloco. Uma pequena casa. Um pequeno abrigo. Refúgio. Tamanho suficiente para a vivência de um alguém. Um alguém que na realidade existia.

Uma vista por dentro. Um bloco de quatro paredes delimitado. E um teto. E um chão. Lá dentro o tal alguém. De idade indefinida. Talvez nem finita.

Ali vivia. Ali passava noite e noite. Ali passava uma mistura de Inverno e Verão. Abrigado do mundo. Abrigado do perigo, dizia.

E um enorme mundo à volta do pequeno bloco. Bloco que passava completamente despercebido à grandeza daquele universo.



Verões insuportáveis. Invernos terríveis. Poucos abrigos como aquele. A exposição era um perigo. Mas havia vida. Flores no grande e quente Verão, que enchiam o mundo de amarelo canário e algum vermelho, por vezes. Invernos que traziam o branco que do meio escorria até aos cantos do mundo deixando como um bolo acabado de cobrir. Seres da vida que cortavam os céus e os campos deixando apenas para trás o eco do passado recente. As marcas na lama, ainda húmida pelas lágrimas do de cima.

E o papel abanava. Ao ritmo da dança do vento. Apenas um toque seria suficiente para desfazer aquela casa de cartas, onde todos os pontos estavam do lado de fora. Invisíveis ao alguém.

Sentado. Deitado. De pernas no ar. De pernas no chão.

O tempo passava. Um toque. Um simples toque. Um simples toque era suficiente para deitar abaixo aquela pequena gruta escura de papel. Mas o conforto era o maior obstáculo.

No Verão. Mas não quero sentir o calor. Nem gosto tanto de amarelo.

No Inverno. Mas o frio é desconfortável. Tudo branco nem tem piada.

E ali ficava. Do lado de dentro de uma prisão. Uma prisão aberta. Aberta aos que largavam o conforto e se atiravam ao desconhecido de braços abertos. De mente aberta. Com uma alma repleta de vontade de conhecer o azul do céu. O sol incandescente. A lua que brilha com o sol de muleta. As criaturas que vivem por baixo do reflexo de nós próprios. O reflexo molhado, também segue a dança do vento.

E o próprio vento gritava pela companhia do alguém. E as criaturas uniam-se para desfazer o abrigo do conforto e da não vontade.

Inútil.

E sempre ali. Ali estava. Ali ficava. Ali se mantinha. Ali já não era, no entanto. E ali continuava a perder o sentido de ser.

Os cantos da sua alma iam escorrendo pelo seu corpo escuro. Não iluminado. Como se a mesma estivesse a ser morta pela vontade.

E a figura ia-se desfazendo. Sem disso dar conta. De alma já derretida e espalhada até aos quatro cantos daquele abrigo.

E o som dos seres, lá fora. Gritavam uns aos outros em tentativas desesperadas de não deixar aquela alma afogar-se em si mesma.

E o Verão havia chegado novamente. Conseguiu ouvir uns ruídos. Diferentes. Especiais. Despertou do seu sono. Ainda deitado. Levantou o seu

braço. Pingava gotas incessantes de si mesmo. Enquanto o seu corpo, já irreconhecível, continuava imerso no conforto e na solidão.

Esticou o membro. Um osso que pingava. Mais nada.

Primeira tentativa de levantar aquele teto. Agora que se via afogado na sua triste infinidade.

És. És. És. Esticando os dedos. Que estalavam como máquinas enferrujadas. Sentiu o toque leve daquela folha de papel. E voltou a cair. Fazendo espirrar os restos de si mesmo.

Um silêncio enorme. Sem fim. Que acompanhava a derrota dos restos daquela alma contra a sua própria zona de conforto.

E o teto voou.

Chegou aquele pequeno toque para isso.

E os raios de sol entraram na sua velocidade naquele cubículo como que querendo salvar o alguém. Os seus olhos não abriram, no entanto.

Ali tudo havia acabado para alguém. O seu final, rodeado de luz, criaturas espantosas e um agradável cheiro a luar.

Tudo isto nos soa distante. Indiferente. Pode ser que se continuar assim, um dia, o nosso braço não estique o suficiente para derrubar o nosso próprio teto.

E ali ficaremos.

Sempre.

PORQUÊ?

Todos os dias. Todos os dias são diferentes. Todos os dias nos cruzamos com pessoas novas, histórias novas, paisagens novas. E isso é o correto... correto tomarmos atenção a todas estas coisas, porque elas estão lá. Aquela nuvem. Aquela nuvem não é apenas uma nuvem. A nuvem. E está ali, agora. E nunca voltará a ser igual àquele instante. Porque todos os instantes são diferentes. E não podemos ... não devemos ignorar estas diferenças, como se vivêssemos fechados. Fechados do enorme mundo à nossa volta, com demasiada preguiça de nos darmos sequer conta dele.

Todos os dias somos ensinados. Todos os dias ensinamos. Todos os dias aprendemos. Mas nem todos os ensinamentos estão corretos. Não podemos ficarmos pelo "o mar é azul" sem o irmos ver. Pelo "somos como grãos de pó ao lado daquela enorme bola incandescente" sem pesquisarmos sobre isso. Sem nos informarmos, sem criarmos as nossas próprias teorias e explicações.

Todos os dias julgamos e somos julgados. Porquê? Porque um dia nos disseram que aquele tipo de aspeto, aquele cabelo, aqueles olhos, aquele corpo não são aceitáveis? Porque fomos ensinados a sentirmo-nos superiores àqueles que têm menos posses que nós. Porque um dia, alguém, erradamente, decidiu que o aceitável como pessoa tem que estar limitado por simples números?

Todos os dias somos controlados por simples números. Horas. Contas. Dinheiro. Dias. Meses. Anos. Com isto chegamos a um ponto onde até nós somos simples números. Números de adultos, crianças, mortes, nascimentos. Datas. Dimensões.

Cada um de nós vive como um ser que nasceu para ser ensinado pelos erros dos outros, pelos costumes dos outros, pelas rotinas dos outros. A isto é que chamamos evolução humana? Somos cópias uns dos outros que se limitam a obedecer a ordens. Sem as questionar. Somos diariamente medicados para não nos tornarmos uma ameaça à sociedade comum. Somos privados da nossa liberdade de ser. O simples ato de ser. Sem preconceitos, sem más intenções, sem manipulação.

Somos como simples fósseis que servem de combustível a um mundo que está imerso no egoísmo, na corrupção, na inveja e na vingança.

Todos. Tudo. Humanos, animais, plantas, rochas. Todos. Todos temos a mesma origem. Todos somos frutos da enorme Natureza que luta para manter o equilíbrio de um mundo a desmoronar-se. E então? E então porque é que somos mais do que uma árvore? Porque é que somos mais do que um inseto? Porque é que temos o direito de os matar? Porque fomos capazes de evoluir mais do que os outros? Porque nos foi dada a capacidade de pensar, de raciocinar? Porque perdemos toda a nossa inocência, toda a nossa humanidade como filhos da Mãe Natureza?

Todos os dias somos expostos a um ambiente de eufemismos onde a realidade é constantemente desfigurada e apresentada de forma a iludir os nossos olhos, os nossos ouvidos. Passamos o tempo sentados no conforto enquanto observamos as tristezas dos outros, sem nos darmos conta que todos somos uma mina armadilhada, pronta explodir bem perto de nós.

Todos os dias.

Somos uma comunidade de doentes anestesiados dos nossos próprios princípios, das nossas realidades e da beleza do mundo à nossa volta.

Vivemos. Assim. Até atingirmos um estado total de coma onde já nem nos perguntamos se assim é que faz sentido.

E assim morremos. Imersos na ilusão.

É assim a vida, dizem os grandes.

MÁSCARA

Reflexos. O desfoco de imagens coloridas. Tremem. Vozes. Ruídos. Uma confusão tremenda. E uma luz. Branca, muito clara. Ilumina o ambiente confuso e desarrumado.

Palavras soltas que se vão retendo. Uma. E outra... Toda uma visão desfocada por uma forte luz que vem da frente. E a imagem vai piscando, devagar. Uma revolta, que cansa. E os olhos acabam por se fechar, novamente.

Luz. Uma luz muito forte que torna a imagem mais visível. Um ambiente branco, claro, muito iluminado. E finalmente a visão tornasse clara. Um ruído de fundo, muito agudo. Como se tivesse levado com algo na cabeça. Começo a sentir os membros. A tremer. A quererem mover-se.

Como que por instinto, o meu corpo move-se. Levantei-me do assento, agora desocupado. Um ambiente imundo, estranho. Dois prédios, janelas partidas, lixo no chão, sem qualquer árvore, arbusto ou flor. O céu nublado, um pouco de vento, que fazia voar os papéis caídos no chão.

De repente ouvi um ruído. Virei-me calmamente para a esquerda. Um ser humano! Foi se aproximando, quando pude reparar no seu corpo desfigurado. Andava cambaleando e levava uma máscara branca, sorridente, que cobria totalmente o seu rosto. Chamei-o, mas não respondeu. Continuou a aproximar-se. Pude reparar que tinha dimensões de uma criança. Chegou-se a mim, ergueu o braço. Senti o toque daquela mão fria na minha cara, que rapidamente se afastou, juntamente com o próprio corpo, que corria na direção contrária à minha, como que com medo. Chamei-o novamente. Apenas olhou para trás, apontando para a própria máscara que tinha na cara. Segui-o, correndo.

Não ia muito longe e rapidamente comecei a ver uma grande multidão, todos próximos uns dos outros, com rostos virados para o chão. Pude reparar que todos usavam as tais máscaras brancas, sorridentes. A pequena figura juntou-se à multidão, saindo do meu campo de visão. Durante vários segundos fui alvo de olhares (impossíveis de decifrar, devido à máscara) até que a figura voltou a aparecer, carregando algo na mão.

Dei mais uma volta ao olhar. Era um mundo cinzento, destruído, cheio de edifícios desfeitos, carros amontoados, estradas fechadas e um silêncio enorme.

Chegou-se a mim novamente, entregando o objeto que transportava. Era pesado, cheio de padrões que pareciam ligações como as dos computadores. Virei-o ao contrário.

Ali estava.

A face branca com um enorme sorriso desenhado, que apesar do seu tamanho, não conseguia esconder o ambiente pesado que se encontrava ali.

Os outros, ao fundo, começaram a fazer-me sinais como se quisessem que colocasse a máscara. Aproximei-a da cara, mas assustei-me com um enorme pássaro que passou à minha frente. No entanto, quando a afastei, o pássaro não estava mais lá. E assim percebi.

Encaixei a máscara nos altos e baixos da minha cara e ali estava, à minha frente, o enorme pássaro numa enorme árvore coberta de flores e outros animais. Olhei para a frente. A multidão continuava lá mas todos com rostos felizes, roupas coloridas e a brincar com alguns dos animais lá presentes. A criança, à minha frente. Trazia um vestido laranja, o cabelo desarrumado e uns chinelos de dedo.

Perguntei, agora que podia observar-lhes os rostos: Que sítio é este?

Responderam, sorrindo, que era o mundo, só. E, apontando à minha volta o enorme monte verde, que brilhava com os raios de sol perguntaram "Vês como é lindo?". Não me fiquei por aí. Voltei a questionar. E o que era o resto? O céu nublado que escurecia os prédios e as estradas destruídas? Os montes de lixo que reboavam pelo chão com o vento? E responderam, serenamente... apenas um lado que não devemos ver.

Olhei à minha volta. Era realmente linda, aquela ilusão. Cheia de árvores que abanavam com o vento. Pequenas nuvens que tornavam o céu numa completa obra de arte. Riachos que cortavam os campos cheios de flores. E perguntei. Sabem o que está do outro lado?

E um silêncio se instalou, junto com umas tossidas repetidas. A rapariguinha, ainda junto de mim acenou que não com a cabeça, enquanto corria para se esconder atrás de um arbusto. Fui novamente alvo de olhares, agora visíveis, desconfiados e até mesmo irritados. No meio deste ambiente constrangedor, voltei a tirar a máscara.

Ali estava eu, novamente.

Cheguei-me ao caixote de cartão, onde, por trás a menina se escondia. Não fugiu. Num toque leve agarrei-lhe a máscara. A criança ergueu a cabeça na minha direção. E retirei-a. Peguei no pesado objeto que parecia já quase fundido com aquele rosto. E então instalou-se o pânico.

As pessoas começaram a fugir, outras a cuspir-me como se fosse um mero metro quadrado de chão. A miúda ficou, no entanto. Piscava os olhos muito rápido, enquanto olhava à sua volta com um ar assustado. E perguntou: "Onde estamos?" com uma voz muito fina, que parecia saída de um instrumento musical qualquer.

Na realidade, respondi... escura, não achas? A rapariga voltou a fixar-me com uma enorme profundidade nos olhos, como se também sentisse a minha dor, como se também percebesse o que se estava a passar.

... fria. Respondeu.

Apontei para as pequenas figuras humanas que ainda se viam, lá longe e repeti. Esta é a realidade. Aqueles são os iludidos e os conformados. O que achas de sermos os heróis desta história e transformarmos isto num local mais apetecível?

E ela, calada, assentiu que sim com a cabeça, soltando um pequeno sorriso no fim.

E assim foi.

Devia ter eu uns 12 anos quando este rapaz, a que hoje, por hábito, chamo de irmão, foi capaz de tirar a minha máscara de um mundo que eu imaginava, de modo a contentar-me com mentiras, para que, com ele, me tornasse na minha própria heroína da realidade não disfarçada.

FELIZ

Passeava junto à praia, junto ao mar. As ondas rebentavam nas rochas suspensas, fazendo ruídos agradáveis, que quase abafavam os sons que cortavam o ar. Os simples passos, instáveis, mas controlados, eram quase sempre os mesmos. De trás para a frente, da frente para trás. As cordas davam pouca liberdade de movimento, servindo como GPS de qualquer caminhada.

Cheias de dificuldades, as marionetas viviam neste mundo, mundo este controlado por enormes correntes, que se estendiam do céu, nublado, impossível de trespassar com o olhar. Tudo flutuava. Os pássaros não eram mais pássaros, eram só mais uns animais, aqui, onde todos podiam voar.

E nesta praia, junto ao mar, conseguíamos ver o farol, chamado o farol dos abandonados. O farol daqueles que encontravam as suas laminas, as suas essências e cortavam estas correntes que os prendiam a esta dimensão tão só, tão isolada de tudo. Era apenas uma pequena esfera, de poucos quilómetros de diâmetro, conhecida como “zona de conforto”. E era realmente confortável! Sem problemas, fácil de lidar, sem grandes preocupações, sem grandes responsabilidades. Mas era tão pequeno aquele círculo vicioso...e com tanta gente lá encalhada...presa a estas cordas de aço dos princípios, do razoável e do aceitável pelos normais, os não abandonados.

E víamos mudanças, sim! De vez em quando, muito raramente... estas marionetas que se fartavam das modas, de toda a falsidade, de todo o conforto e se entregavam aos seus medos, de peito e coração aberto, de onde saíam as enormes laminas de raiva e desespero que os livravam das correntes da conformidade. E com passos, passos reais que pisavam aquele solo iam até ao farol, que, de braços e portas abertas recebia todos aqueles que se desprendiam dos preconceitos, estereótipos e regularidades que, ao longo de todos os anos que passaram e ainda passam, ganham raízes profundas em todos nós, que se entrelaçam nas nossas entranhas e nas nossas ligações formando o nós que designamos de cegos. Mas cegos não são os nós, mas sim nós mesmos que nos deixamos cegar e prender sem darmos luta contra estas multidões, ondas de medos e ideais mal formados.

E todas estas se juntam, formando cada vez mais nós, mais ligações que são apenas superficiais, deixando um enorme vazio dentro de todas elas, dentro de todos nós. E assim se forma uma rede inquebrável no seu todo, que apenas se separa quando esperamos apoiantes à nossa nobre causa. Mas para isso precisamos de força, de coragem, de nos encontrar a nós mesmos livres de



máscaras, de cordas que nos prendem a ideias fixas, de encontrarmos a nossa essência despida de quaisquer regras ou deveres.

E de cada vez que ouvimos aquele som de alguém que cai, estendido no chão, ouvimos esperança, sentimos que ainda há salvação para tudo isto, que ainda todos temos lâminas suficientemente fortes para cortar toda esta confusão que nos aprisiona.

E sorrimos. Mas não sorrimos para uma câmara, não sorrimos para um ecrã. Sorrimos humildemente, como quem sorri por sorrir, por ser feliz não por mostrar felicidade.

Passeava junto à praia, junto ao mar, agora a estrear a sola dos pés que raspava nos grãosinhos de areia que causavam alguma comichão.

Passos lentos, medrosos, na direção do enorme farol. Devagar subia as escadas que mesmo interiores deixavam escapar raios de sol através das enormes nuvens. Já em frente à porta, caminhava, em direção contrária à que as cordas quereriam.

Poucos metros depois já sorria. Sorria como quem é feliz. E era feliz. Feliz consigo mesmo, agora de correntes desfeitas e máscara caída.

POSSE

Qual é a definição de “posse”? É algo que é só nosso e de mais ninguém, ou pode ainda ser partilhado? É algo oficial que não admite mudança? Ou é uma definição instável, em mudança constante? E quem tem o direito de escolher essa definição? Quem tem o poder sobre todas as definições que encontramos num dicionário? Quem as escolhe? A maioria absoluta, que na realidade discorda entre si? Os homens de negro que se sentam em frente a mesas mais compridas do que as de lá de casa? Ou as celebridades, das redes sociais, que se entregam ao mal maior de viver pelas aparências?

Ainda que sem respostas, entregamo-nos à maioria. Falta-nos autonomia, falta-nos coragem, falta-nos autoridade sobre nós mesmos. Tornamo-nos correntes de marés que já existem e não mudamos a sua direção. Neste enorme barco remamos apenas numa direção, aquela em que todos já vão remando, porque claro, é mais cómodo.

Assumimos diversas entidades como posses certas, porque claro, assim fomos ensinados, criados e disso nos alimentamos até chegarmos a fortes predadores, de barriga cheia antes da caça. Cheia de humilhação. Humilhação a ser escondida nos mais estranhos e imprevisíveis locais. No armário antigo cheio de poeira, por entre uns livros velhos, pontapeamos para debaixo da cama ou dos móveis em geral, para que mais ninguém a veja. Mas na realidade ela espalha-se. E está em todo o lado. Nas revistas, jornais, em cada um dos milhares canais de televisão que temos em casa e nunca iremos ver. Na nossa forma de pensar, andar, sentir, agir, ser. Na cara de cada um de nós quando atravessamos alguma situação mais delicada. E depois questionamo-nos, por vezes, “porquê?”. De onde vem este repentino medo e embaraço? Esta falta de coragem para enfrentar novas situações? E eu respondo. Respondo que toda a humilhação que escondemos se foi acumulando até não dar mais. Esquecíamos-nos da sua existência, mas ela andava sempre na nossa sombra. Presa por correntes que não largamos nem por nada. E então apercebemo-nos. Apercebemo-nos de que os nossos erros, os nossos defeitos e as nossas imperfeições deveriam andar à mostra. À vista de toda a gente. Porque são elas, junto com toda a humilhação, que nos ensinam a viver.

A não termos medo de sermos julgados. A rirmo-nos de nós mesmos quando erramos, sabendo que o erro não se deve voltar a repetir.

E então passamos a caminhar na direção oposta, expondo cada grão de nós mesmos.

Olhamos à nossa volta. E todas as entidades que considerávamos posses certas, passam a ser apenas isso, entidades, que deixam partes suas nas nossas, que não nos puxam mais para trás, mas nos empurram para a frente.

E com esta ajuda, mudamos a direção do nosso barco e vemos como tudo nos parece tão diferente.

Assim, livres de posses, sejam elas partilhadas ou não. Livres de receios, nós passamos a possuir-nos a nós mesmos.

E somos felizes.

***TUDO COMEÇA COM OS ÚLTIMOS PASSOS ANTES DE ALCANÇAR A
GRANDE PORTA...***

Tudo começa com os últimos passos antes de alcançar a grande porta. As faces alegres alteram estranhamente para rostos pálidos, sozinhos, desagradados e incomodados. Já antes se ouviam as gotas, a cair nos enormes telhados, provocando sons agradáveis, como ecos infinitos que se prendem no silêncio, mas só agora havia começado o período de reconhecimento.

Os passos abrandam, agora já com a cabeça cheia de possíveis soluções para evitar que esta água lhe chegue e obrigue aos típicos escorrimentos de cabelo dentro da casa de banho. Mas, tal como sempre, a solução limita-se à aceitação da leva do objeto que eventualmente nos poderá proteger da chuva. E até resultou, antes de chegar o vento.

A água começa a criar os seus próprios caminhos, agora não capazes de serem cortados pelas extremidades do tal objeto, acabando por dar início ao período de desconforto. Na roupa começam a aparecer as manchas escuras que se colam à pele e desenham padrões peculiares. E afinal o que está aquele objeto a proteger? Chamo-lhe a chuva psicológica. E a desistência começa a aproximar-se do pensamento.

A chuva torna-se mais forte, tal como o vento, enquanto as tentativas de abrigo ainda são visíveis. Podemos verificar, ao longo do tempo, que o período de aceitação se aproxima.

A perceção da ineficácia daquele objeto começa a ser notada até que este acaba por ser deixado para trás. Aqui nasce a possibilidade do outro aproveitar isto e acabar dentro do mesmo circuito.

E começou o período de aceitação. Agora não só vítima da chuva física, mas também da chuva psicológica, os passos abrandam, como se assistíssemos a uma desistência perante a vontade da Natureza.

Os olhares começam a dirigir-se para o céu, agora destapado, mas coberto de nuvens e vetores que caem no sentido de cima para baixo, impossíveis de contar ou decorar. Começa a aumentar a aceitação do momento, seguida da indiferença entre um pouco mais ou um pouco menos de água.

A passada continua a reduzir a velocidade, agora transformada num simples andar indiferente, com as gotas brilhantes a escorrer pela face, cabelo, braços, mão, ... O único fator que ainda incomoda são as gotas que escorrem pelos fios de cabelo até às costas. Arrepiam e adiam a chegada do último período.

Como que numa tentativa de evitar isto, os braços erguem-se, apanhando todo o cabelo molhado e todas as gotas que ainda caem. Numas voltas meias confusas e desorganizadas o cabelo acaba por se enrolar no elástico, já fraco de tanto uso, acabando por formar um aglomerado no topo da cabeça, cheio de pequenos cabelos a saltarem por fora. E o problema está resolvido.

Começa a perceção do que realmente estava a acontecer. Os olhares direcionados ao céu acabam com algumas ideias peculiares. Aquelas manchas brancas, que vemos no dia a dia a flutuar no céu, como que enormes pedaços de algodão, a que chamamos nuvens, são realmente milhões de gotas de água que se encontram unidas formando plataformas flutuantes que, com peso a mais, acabam por cair aos nossos pés. E molham! Sim, molham! Molham porque são água, e a água é um líquido e os líquidos molham! Molham não só os tecidos comprados, mas também os tecidos da pele. E depois? E depois eles secam. Porque é assim mesmo que funciona. E em vez de nos escondermos, de nos protegermos deste fenómeno, que raramente traz graves consequências, porque não aprender a aceitá-lo? Aceitá-lo como parte da Natureza, como parte de nós próprios. Porque não desfrutar dele?

E assim começa o último período. Entre olhares semicerrados, cobertos em lágrimas, mas não lágrimas do próprio, são lágrimas da Natureza. Os braços estendem-se numa tentativa de aumentar a área de contacto com tal magia. Magia 100% filha da Natureza. Truques que ainda não fomos capazes de desvendar, ou, mais concretamente, de estragar.

E já se deu o início da perceção. O mais lindo período deste ciclo. A altura em que realmente aproveitamos o momento, a altura em que realmente estamos lá, a desfrutar.

Basta um olhar à volta para se reparar que não estamos sozinhos, provavelmente. E somos, com certeza, vítimas de olhares desconfiados, olhares julgadores. Olhares secos e cobertos de chuva.

Cabe-nos a nós, que agora já escorremos até da própria água, abrir estes olhos desconfiados e incluir quem podemos nesta comunidade que não evita o natural. Cabe-nos a nós a partilha desta magia que, inconscientemente, muitas vezes recusamos.

DIÁRIOS DAS TERRAS DE CAVALEIROS

Capítulo da Autorial de Abraão Costa e participação de João Costa

AS VERTIGENS DO MEDO.... DIÁRIOS DAS TERRAS DE CAVALEIROS I

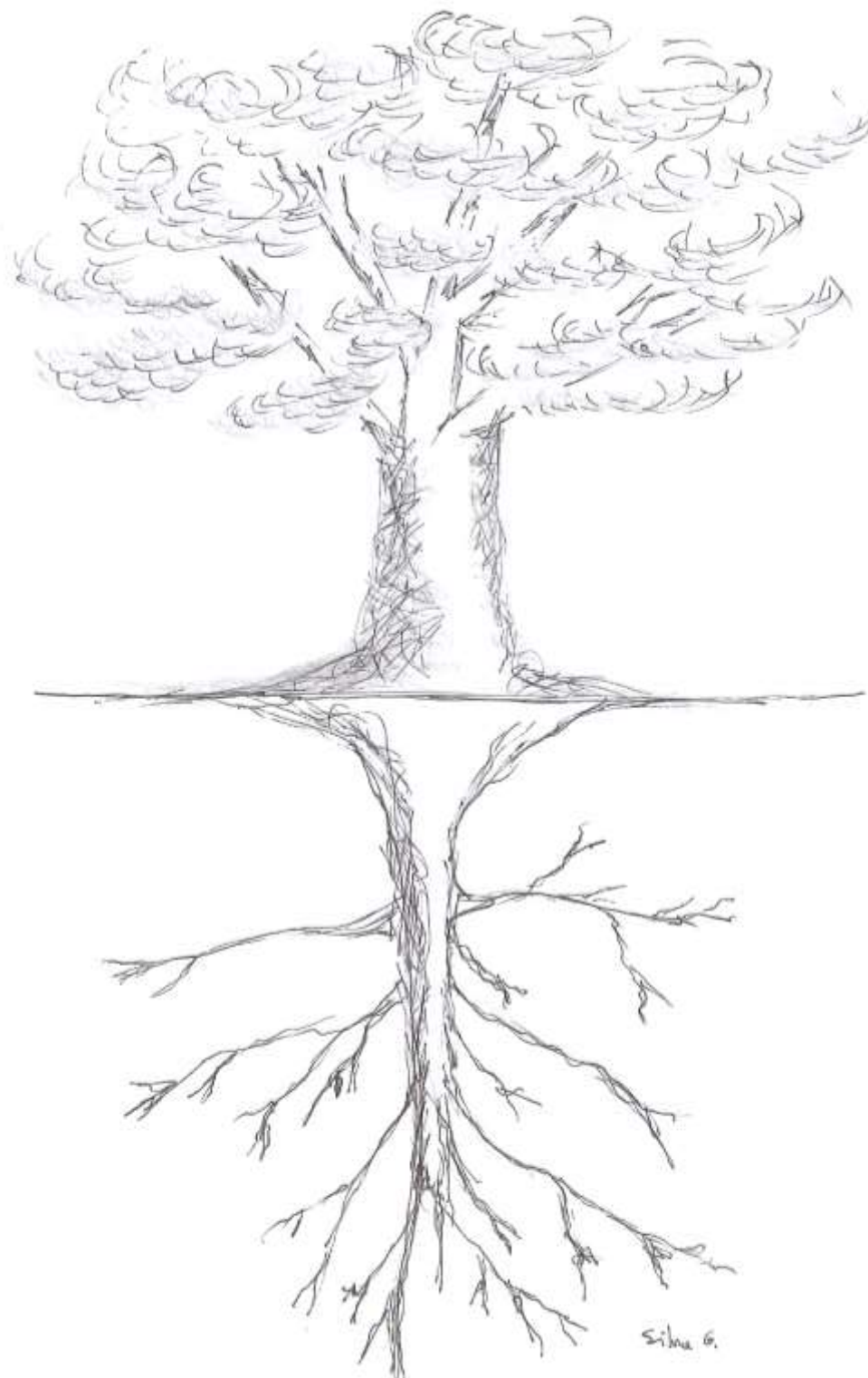
No seio da grande aventura que é ser Cavaleiro somos levados durante o treino para territórios de imensidão vasta em que nos chamamos a nós mesmos ao silêncio, à meditação e à recaptura dos nossos medos mais primários.

Voltei a Terras de Milénia, aos planaltos denominados Terras de Cavaleiros, um território mais antigo que a existência que conhecemos. Nestes primeiros dias fico-me pela fortaleza de Algor, no topo das colinas de Brar. O objetivo é só um. Relembrar o medo do precipício, da vertigem abrupta, do salto para o nada.

Por estes dias viajo com Mestre Mizegui, velho amigo de caminhada. A tarefa que me incumbiu era simples, procurar o velho medalhão de Corr que lhe havia sido confiado pelo seu pai. O único senão é que o tinha escondido na fenda intermédia da elevação que permite a vista da fortaleza de Algor a mais de 30 km de distância. A elevação é uma rocha maciça, quase sem pontos de apoio que se ergue ao longo de 500 metros. O exercício deveria ser simples. Chegar até ela não seria impossível. O meu medo era o ato de voltar. Embora nunca tenha sucumbido ao medo das vertigens e de ter no meu registo aventuras a mais de 5000 metros de altitude, Algor era diferente. A linha reta vertical que ligava a muralha principal ao profundo negro, que não deixava que visse o chão seguro, perturbava-me e lembrava-me que por mais treino que tenhamos há medos primários que nos acompanharão sempre.

Sabia que fazia o exercício. Ser Mestre Aprendiz não permitia que me ficasse por ali. Subi a muralha, atei duas cordas à volta do maior dos pináculos, uma para descida, outra para segurança e comecei com brevidade a minha descida. Os primeiros 100 metros foram um exercício de concentração e respiração. Entretanto Mizegui dá um grito de aviso: - Amigo, agarra-te à rocha!!!

Nem tive tempo para pensar, agarrei-me à primeira saliência que encontrei. Mizegui havia cortado as cordas. Estava por minha conta. Não havia tempo para pensar, entrar em pânico ou pensar no que vinha a seguir. Foi um instante de instinto, sentidos apurados e esquecer o essencial. Naquele momento só



contava com um microciclo vital que vencia ou morria. Concentrei-me apenas na parede impossível, desliguei os medos que estavam ainda mais presentes e apenas vi a função descida.

Com mais ou menos dificuldade cheguei cá baixo. Mizegui com um sorriso irritante esperava-me. As minhas primeiras palavras para Mizegui não foram de "vou-te matar", mas antes de perdão por não ter completado a minha tarefa. Nesta altura, Mizegui abraçou-me e lembrou-me:

"Nem sempre podemos ter o todo. Nem sempre o tempo permite que cheguemos a todos e a tudo. Por vezes temos que escolher entre o chão e o céu, entre a vida e a morte. Não nos é permitido mais. Nesta altura a escolha é hoje ou amanhã. Um Mestre Aprendiz perante tal vertigem do medo, só tem uma escolha, o amanhã... porque o amanhã não é de ninguém, muito menos do medo..."

AS VELHAS QUE SÃO NOVAS HISTÓRIAS.... DIÁRIOS DAS TERRAS DE CAVALEIROS II

Ainda pelos planaltos das Terras de Cavaleiros, eu e Mizegui tiramos um dia para visitar um velho Ermita de Brar, Fern Brama.

Fern era um viajante de sempre. Em tempos a sua missão havia sido ser mensageiro da Ordem dos Cavaleiros do Poder, levando as mensagens de povoação em povoação, dando a conhecer ao todo o que só a alguns era permitido.

Encontramo-nos à entrada da gruta onde habitava Fern, bem no sopé de uma das muitas montanhas de Brar, muitos vales abaixo da Fortaleza de Algor e com uma paisagem deslumbrante. Mesmo à frente da gruta erguiam-se as Lagoa de Azis, um imenso espelho azul polvilhado de pequenas ilhas onde habitavam outros Ermitas que também haviam tido responsabilidades na Ordem dos Cavaleiros do Poder.

Fern preparou-nos Javali. Mizegui ainda resistiu devido às suas fortes convicções sobre o balanço e equilíbrio com Gaia, a Mãe de tudo o que é natural e puro, mas acabou por ceder. Já havia provado javali mas aquele estava estranhamente bem cozinhado e apetitoso.

De volta da fogueira as conversas fizeram com que perdêssemos a hora até que Fern voltou a falar sobre os seus filhos e a distância a que ambos se haviam votado, por força das escolhas de vida que ambos haviam feito:

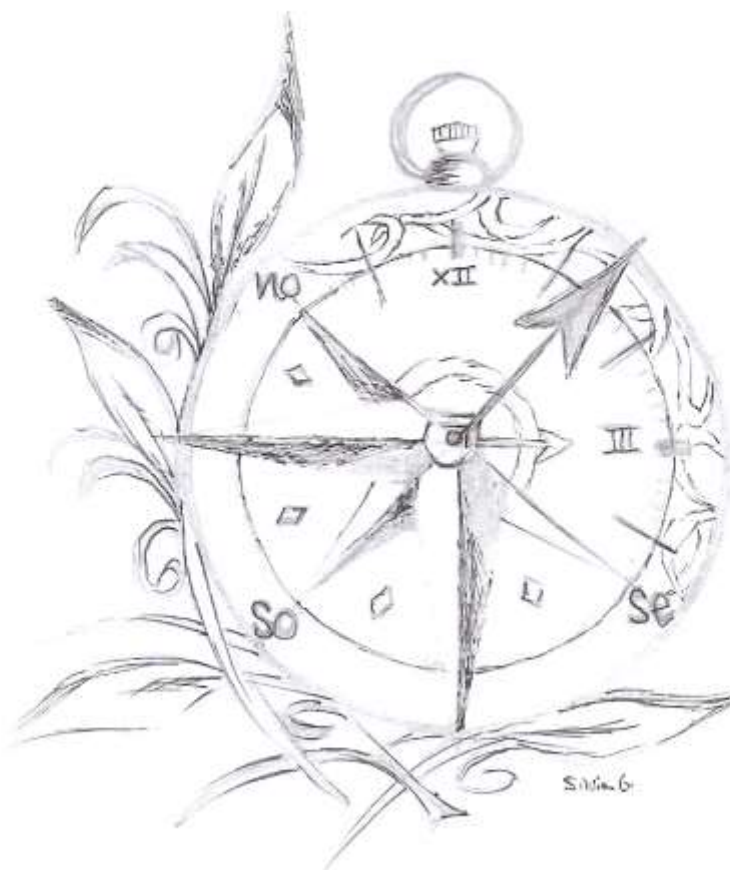
- Lamento não ter estado mais presente na vida dos meus filhos. A vida de mensageiro deu-me quase tudo, mas tirou-me quase tudo. Hoje sobram-me as minhas orações, as minhas meditações e os amigos de sempre. - refletia Fern

- Não sei o que é ser pai, nobre Fern, mas sei o que é ser filho. A partir do momento em que nos conhecemos em consciência e que a infância passa a ser apenas um estado de espírito, a responsabilidade deixa de ser uma via de um sentido, passa a ser um caminho percorrido por ambos os sentidos. Neste momento, a quem assenta a maior responsabilidade? - questionei-o

Tempo

A Jornada do Cavaleiro - Diários do Aprendiz

- Não se trata de responsabilidade meu amigo. Trata-se das barreiras e muros invisíveis que ergues dentro do teu coração. Há dias em que passamos uns pelos outros e fingimos que nem nos conhecemos. Ficamos há espera do milagre do



discernimento e que algum de nós tome a iniciativa. Chega a uma altura em que parece que o universo escolhe por nós e que o muro invisível chega a parecer real.
- respondeu com voz perturbada.

- Não te quero pôr em causa, mas o que diz o teu coração? - voltei a questionar.

- Já nem sei bem. Já fui atrás da nossa relação, voltei a tentar ligar o que somos, mas pura e simplesmente eles não deixam que chegue até eles. Já não consigo ler de quem é a responsabilidade. - lamentava-se.

- Somos finitos e limitados e não temos de ter coração e sabedoria para todos os desafios que nos são colocados. Isso não significa que não continuemos de coração aberto. Fern, a história diz-nos que da maldição mais rebuscada pode vir a maior das bênçãos. Da inimidade mais estranha pode vir o maior dos aliados, do caos poderá nascer a solução nunca sonhada. Volta ao treino, mantém os sentidos alerta e deixa o teu coração continuar a falar...

***APRENDER A ESTAR... - DIÁRIOS DAS TERRAS DE CAVALEIROS -
PARTE III***

Pela manhã, eu e Mizegui partimos rumo à fortaleza mais importante de Brar, Langalan. Imponente e muito bem situada bem no centro da cidadela de Brar, era aí que todos os Mestres Aprendizes trocavam armas e pediam a sábios ferreiros e armeiros que corrigissem ou arranjassem as suas armas e adereços de combate. Ao mesmo tempo era um refúgio para treino militar.

Nessa manhã revimos Nure, Mestre Aprendiz da Noite Continua. Nure era um Mestre de grande experiência nas artes de regeneração e havia dedicado a sua vida à região de Vimian. Embora viajasse muito, voltava sempre a Vimian e ao seu grupo de Aprendizes. Por outro lado, tinha feito um voto de pobreza, vivia apenas com o que era estritamente necessário. Tudo o que não precisasse devolvia à natureza ou partilhava com os seus. A juntar a isto era conhecido por ser um sonhador de projetos adiados, um saudável desorganizado de temperamento refinado e algo preguiçoso.

Cumprimentamo-nos respeitosamente e rapidamente nos perdemos em memórias e momentos menos sérios que nos fizeram sorrir e corar. Todos estávamos ali para rever as nossas armas e deixar que os nossos armeiros de confiança pudessem verificá-las e, se assim fosse, melhorar a sua precisão e pontos de segurança.

Nessa tarde, eu e Mizegui íamos para as margens do selvagem rio Dorei treinar nos seus imensos desfiladeiros e convidamos Nure a vir connosco e a pernoitar por lá na nossa companhia. Há muito que não estávamos juntos e seria mais uma forma de passar um bom bocado enquanto nos ajudávamos mutuamente no treino de cada um.

Já por Dorei, num dos seus penhascos mais íngremes, aventuramo-nos num mergulho vertiginoso de mais de 200 metros rumos às suas águas indomáveis. Primeiro fui eu, seguiu-se Mizegui e Nure, ao contrário do que esperávamos, decidiu ficar-se pelo topo do penhasco e fitar-nos. Com muito

esforço iniciamos a insana escalada até ao topo do penhasco onde Nure nos esperava:

- Que se passou amigo, não te queres molhar? - perguntei em tom de provocação.

- Fica para mais tarde. Esta não era a minha hora. - respondeu Nure.

Respeitei o seu espaço e deixei-o ir. Nure retirou-se e amavelmente cozinhou para os três. Há noite, à volta da fogueira, confortavelmente fortalecidos por um poderoso repasto de javali confeccionado por Nure, Mizegui voltou a perguntar:

- Há momentos em que não te compreendo Nure. Vieste connosco para treinar e no momento da verdade ficaste-te pelo chão firme.

- Não me entendas mal amigo, apenas não o quis fazer. Se porventura acordar na disposição de o querer então o fá-lo-ei. - retorquiu Nure.

- Por vezes acho que subestimas o teu poder. Cedo, todos aprendemos que não podemos ter medo do nosso poder, é ele que nos faz. Ter dúvidas, medos, muito bem. Mas não avançar!!.... Sei bem que não é isso. Acredito mesmo que às vezes é só a tua preguiça. - insistiu Mizegui

- É bom saber que me conheces Mizegui. Pode até ser a minha preguiça, posso até estar com medo, pode ser só que não queira. Concordando ou não amigo, este é o meu ritmo. Há muito que aceitei os meus poderes e os meus defeitos. É com eles que continuarei caminho. Hoje, apenas pretendia estar convosco, foi isso que me trouxe aqui. Foi o poder da relação e não o poder do treino. Hoje escolheste treinar e eu escolhi estar. Nenhum de nós está errado, apenas escolhemos papeis diferentes.



Sem ponta por onde discordar, Mizegui ficou sem argumentos para Nure. A noite continuou e no fim acabamos todos por apenas estar. Foi nesse momento que me lembrei do ensinamento de Mestra Caelum, que o treino, embora nunca pare, também se faz a estar. Ela dizia: ***"Só aprendemos a não ter medo do nosso poder quando aprendemos a estar com o outro e com o seu poder, dando origem a um poder novo. Nessa altura aprendeste a estar contigo..."***

***O DETALHE QUE DISTORCE.... - DIÁRIOS DAS TERRAS DE
CAVALEIROS - PARTE IV***

Os nossos dias por Brar estavam a terminar, era altura de voltar a Ethérnia. Mas antes não podíamos deixar de pernoitar em Onis de Brar, também conhecida



como a Aldeia do Manto Eterno porque passava mais de metade de uma época anual coberta por neve. Onis de Brar era uma antiquíssima aldeia, mais antiga que o início que pôs fim à Velha Era.

Era uma aldeia de pastores e local de passagem. Eram várias as suas tabernas, casas de repasto e residenciais que faziam com que se tornasse num local de raros encontros e momentos verdadeiramente inesperados.

A mim e Mizegui juntaram-se Fern e Nure. Fomos jantar a uma das muitas casas de repasto de Onis de Brar. Esta mesmo em frente a um pequeno riacho que desaguava no Rio Dorei. Estava uma noite de tempestade. No prato tínhamos um enorme bife de bisonte dos Prados de Brar. Mizegui, de acordo com os seus princípios naturalistas, ficou-se por uma salada de urze.

Pessoas entravam e saíam, mas uma captou a nossa atenção. No meio da multidão, sozinha numa das mesas, completamente ensopada, de cabelos ruivos e ar desgastado descansava uma mulher que ao seu lado guardava o seu arco e flechas. Mesmo não sendo uma arma fora de uso, nunca tínhamos visto uma guerreira de arco e flechas.

Continuamos a nossa refeição. Alguns momentos após a desconhecida levantou-se, colocou a sua capa e capuz, levantou o seu arco e flechas e dirigia-se para a saída quando se virou na nossa direção e caminhou até nós. Mizegui estava de costas e não reparou no momento. Esta colocou a mão sobre o seu ombro e chamou pelo seu nome:

- Mestre Takasugui? O que o faz parar por terras de Brar? - perguntou a forasteira.

Takasugui era o nome de família de Mizegui. Era raro ouvir alguém chamá-lo por aquele nome. Mas apesar do questionamento direto, Mizegui nem pestanejou, continuou a sua refeição.

Percebendo que Mizegui não queria ser perturbado e que aquela presença o incomodava intervi:

- Forasteira, deve estar enganada, nesta mesa não para ninguém com esse nome. - respondi.

- Devo-me ter enganado, perdoem-me senhores. Sigo então o meu caminho. Fiquem bem. - respondeu a forasteira saindo de seguida.

- Mizegui, a forasteira conhecia-te. Porque não respondeste? Perguntei.

- Aquela era Poesis, companheira de caminho. Fomos ambos aprendizes de Ant Elael no Templo das Lágrimas de Sangue. Foi o meu ponto fraco durante muito tempo. - respondeu

- O teu ponto fraco? Como assim? - questionou Fern.

- Ant Elael recomendava que durante o treino nos concentrássemos nas nossas tarefas e não deixássemos que relacionamentos paralelos nos demovessem da nossa missão. Com Poesis não foi possível. Durante algum tempo ainda conseguimos, mas foi inevitável o corte para o bem de ambos. Pelo menos eu achei que foi para o bem de ambos. Quando terminamos o treino e passamos a Mestres, pensava que estávamos preparados para recomeçar e assim o fizemos. A relação nunca foi pacífica, mas raramente discutíamos. Tínhamos demasiado treino para nos deixarmos levar por caminhos fáceis como o ciúme, a mentira ou discussões inúteis. Nessas alturas o silêncio vencia sempre. Quando reparamos estávamos a viver uma relação de treino e menos uma relação de duas pessoas que se queriam e que tinham escolhido o mesmo caminho de descoberta e partilha comum. A relação tinha-se tornado numa arena de bons momentos, eficácia e harmonia para a missão. Sem querer confundimos a nossa missão com a nossa relação. Depois nunca nenhum foi capaz de admitir onde realmente estava mal. Na realidade, nunca tivemos dúvidas que gostávamos um do outro, mas estávamos demasiado cegos pelo treino de cada um que nos limitamos a adaptar aos défices que cada um permitia que o outro preenchesse. Há detalhes que podem distorcer tudo e este foi um deles. Para mal dos meus pecados, durou uma vida inteira... - respondeu com um ar de tristeza como nunca havíamos visto nele.

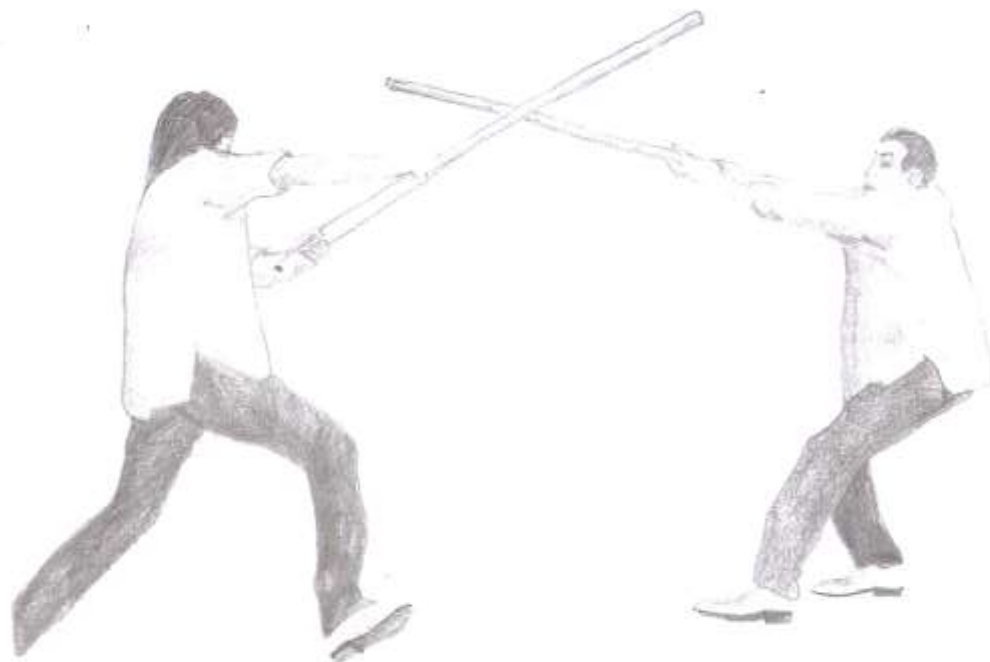
Fern, o mais velho e vivido de todos nós, que já se havia casado por duas vezes surpreendeu-nos com as suas palavras:

- Há detalhes que distorcem tudo... no final importa perceber é se são, realmente, apenas detalhes?

BUSHIDO

Há muito tempo havia um Samurai diferente de todos os outros, ele acreditava que cada um devia seguir o seu próprio Bushido (significa “o modo de vida do guerreiro”). O seu dever era defender o dever do Shogun (líder político japonês da era monárquica) e o dever do Shogun era proteger o povo e o seu país, mesmo que isso lhe custasse a sua vida.

Este Samurai não tinha casa, cresceu e viveu em guerra, no entanto, mesmo após ter deixado inúmeros corpos para trás, a sua guerra nunca acabou. O seu único inimigo, aquele contra quem ele levantava a espada, era ele mesmo.



Após a perda de seu Mestre durante a guerra, o Samurai decidiu fixar-se numa velha aldeia da velha lenda e fazer bem aos outros, no entanto, não foi bem-recebido. Verdade seja dita, ele também não se esforçou muito por isso.

O Samurai decidiu empunhar a espada do seu coração, por isso, a cada insulto que recebia respondia com um elogio, cada vez que lhe cuspiam ele sorria. Durante anos, este Samurai que só conhecia guerra, viveu a ser gozado e rebaixado. Até que um dia, como por magia, as pessoas começaram a mudar o seu comportamento perante ele. A sua perseverança acabou por vencer.

A diferença dele havia feito diferença na vida de muitos dos que o rodeavam. Todos aqueles que a maioria das pessoas veriam como inimigos, por ele foram vistos com bons olhos, bom coração e sem qualquer necessidade de derramar sangue. Os inimigos tornaram-se em amigos leais e protetores, não de suas casas mas dos seus camaradas.

Até hoje ninguém sabe o que faz aquele Samurai ir tão longe, nem ele mesmo. Fica aqui o que ele tem para ensinar:

- O nosso inimigo mais poderoso somos nós;
- A espada mais afiada não é aquela que trespassa a carne, mas a que corta a alma;
- Fazer um amigo vale mais que matar mil inimigos;
- Não precisas chamar-te de Mestre para o ser, não precisas ser reconhecido como Mestre para o ser. ***Segue o teu próprio Bushido e alguém te seguirá.***
- Mestre qualquer um é, quer queira quer não. Este Samurai sempre chamou o seu Mestre pelo nome, não porque o desrespeitava... aliás era exatamente o contrário. Reconhecer alguém pelo que a pessoa é e não pelo seu estatuto é o maior elogio e demonstração de respeito que se pode dar.

Texto de João Costa